

Cybelle Salvador Miranda  
Laura Caroline de Carvalho da Costa  
Ronaldo Nonato Marques de Carvalho

# RAIO QUE O PARTA

Uma arquitetura marcante no Pará



RAIO QUE O PARTA

*CONSELHO EDITORIAL*

André Luiz V. da Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon De Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luís Augusto Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

# RAIO QUE O PARTA

Uma arquitetura  
marcante no Pará

Cybelle Salvador Miranda  
Laura Caroline de Carvalho da Costa  
Ronaldo Nonato Marques de Carvalho

*Raio que o parta: uma arquitetura marcante no Pará*

© 2024 Cybelle Salvador Miranda, Laura Caroline de Carvalho da Costa, Ronaldo Nonato Marques de Carvalho  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Pré-produção* Aline Flenic

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Helena Miranda

*Diagramação* Thaís Pereira

*Revisão de texto* Ariana Corrêa

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Laura Costa

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4o andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
contato@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed.  
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer  
meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Raio que o parta : uma arquitetura marcante no Pará / Cybelle  
Salvador Miranda, Laura Caroline de Carvalho da Costa, Ronaldo  
Nonato Marques de Carvalho. - São Paulo : Blucher, 2024.

84 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-354-8

1. Arquitetura - Belém (PA) – História 2. Belém (PA) – Patrimônio  
cultural 3. Fachadas (Arquitetura) na arte - Belém (PA) 4. Mosaico  
- Belém (PA) I. Título II. Costa, Laura Caroline de Carvalho da III.  
Carvalho, Ronaldo Nonato Marques de

24-0113

CDD 720.98115

Índices para catálogo sistemático:

1.1. Arquitetura - Belém (PA) - História

# Conteúdo

Prefácio.....	7
Apresentação: modernidade tradicional amazônica .....	11
<b>1. Caracterizando o Raio que o parta .....</b>	<b>15</b>
1.1 Arquitetura moderna e cultura amazônica.....	15
1.2 Sobre a denominação .....	20
1.3 Classificando a arquitetura RQP .....	28
<b>2. Percepções do lado de dentro.....</b>	<b>39</b>
2.1 Sondando o pensar dos moradores .....	39
2.2 Onde se vive: a casa RQP .....	40
2.3 O que se vive: o olhar do morador .....	44
2.4 Sobre a intenção de manter ou apagar .....	47
2.5 Reflexões sobre o olhar de dentro.....	50
<b>3. Metamorfose – o Raio que o parta como referência cultural paraense .....</b>	<b>55</b>
3.1 Raio que o parta, a não-arquitetura torna-se ícone da modernidade brasileira.....	55

---

3.2 Arquitetura híbrida e poética .....	57
3.3 Modos de morar e a transfiguração dos mosaicos.....	63
3.4 Ações de educação patrimonial: do Pará para o mundo.....	67
<b>Considerações finais</b>	
Patrimonializar ou não: será mesmo essa a questão?.....	75
Referências .....	79
Sobre os autores.....	83

## Prefácio

Ninguém fica impassível diante da imagem dessas casinhas baixas, cobertas de caquinhos coloridos, cujas platibandas, em guisa de frontões, exibem formas geométricas e figurativas. A curiosidade despertada pelas fachadas fica ainda mais aguçada quando se aprende que essa arquitetura é conhecida pelo nome pitoresco de “Raio que o parta”.

Mas o livro *Raio que o parta – uma arquitetura marcante no Pará* faz mais que nos levar a contemplar essas fachadas singulares. Com ele, suas autoras e autor nos levam a fazer uma viagem no tempo e no espaço, imergindo na cultura, nas tradições e nas ambiências da região amazônica. Mais do que isso: este livro vai muito além do registro de uma expressão popular, transcendendo esse propósito e trazendo consigo a reflexão sobre a força sociocultural que emerge desse fato humano, a casa.

Portanto, o livro que o leitor tem nas mãos não fala apenas de arquitetura, mas de cultura, de identidade, de história, de vida humana em toda a sua riqueza.

Aprende-se, neste livro, que a expressão “Raio que o parta” foi cunhada nos anos 1960 e usada de forma pejorativa para depreciar a arquitetura popular diante da arquitetura erudita de base modernista. Nessa época, vivia-se um período de expansão territorial das ideias do movimento moderno, que foram forjadas nas primeiras décadas do século XX e que tinham na arquitetura um dos seus maiores rebatimentos.

Em que se pese o risco de cair num reducionismo (que será logo corrigido pelas ricas informações contidas nesta obra), convém lembrar, de forma bem generalizada,



que a denominada “arquitetura modernista brasileira” foi influenciada pelos preceitos de Le Corbusier e por um racionalismo construtivo. Tais preceitos resgatam a tríade vitruviana na ideia da casa como uma “máquina de morar”, cujo programa propõe uma habitação resolvida em pequenos espaços funcionais e uma estetização própria das diretrizes para o “viver moderno”. A arquitetura, assim, era usada como ferramenta para “catequizar” as pessoas com o intuito de transformá-las em “seres modernos”, “universais”, vinculados ao mundo ocidental e desconectados do contexto cultural local.

Lúcio Costa, em seu texto “Arquitetura brasileira” (1952), compara a “*massa edificada de aspecto vulgar e inexpressivo*” com a “*revolução nos usos e costumes da população*” que teria assimilado o gosto moderno, com o “*apuro arquitetônico*”, o que, dizia ele, fazia o arquiteto contemporâneo brasileiro merecer “*se sobressair em primeiro plano no mercado da reputação internacional*” (p. 7). Nesse contexto, os arquitetos brasileiros estavam convictos de que a arquitetura dita modernista, aqui produzida, mostraria ao mundo que o Brasil deixava de ser um Estado internacionalmente periférico para se situar numa posição de superioridade cultural. Assim, a arrogância que desmerecia o gosto popular estava contextualizada.

Mas se o modernismo pregava justamente esse gosto universal, a padronização, a racionalização formal e o modelo asséptico a ser perseguido sem distinção do local ou da cultura de quem ali habitaria, a sua reinterpretação, em contextos regionais, foi sendo feita de forma completamente oposta. Habitantes rurais e urbanos absorveram a estética modernista à sua maneira e imprimiram em seus espaços uma releitura regional, fazendo prova de criatividade, de capacidade adaptativa e da incrível diversidade cultural de nossa população.

No caso das aglomerações da região amazônica e, mais especificamente, na região belemense, essa releitura se deu não apenas nas expressões estéticas, mas a partir de toda uma adaptação às ambiências regionais, formando um ecossistema genuíno. O conceito de ecossistema, aliás, em sua etimologia, traduz perfeitamente a ideia de uma interdependência complexa e equilibrada entre a casa e os contextos ambientais, sociais e culturais.

Muito mais do que classificar a arquitetura Raio que o parta como popular ou espontânea, o que mais fascina é que se trata de uma arquitetura legítima e autêntica, possuindo um caráter vernacular e traduzindo a visão de mundo de seus habitantes. Trata-se de uma resposta aos referenciais éticos e estéticos dos quais seus moradores retiraram a matéria simbólica para construir seus planos de vida.

Trata-se também do resultado de um processo de apropriação (material e imaterial) dos espaços. Ao imprimirem novos valores e significados em sua arquitetura, os habitantes estabeleceram relações de afeto e pertencimento, criando narrativas

que buscaram explicar o seu lugar no mundo a partir das escolhas plásticas e projetuais. Um processo de uma construção identitária que usou o espaço construído para se estabelecer.

Trata-se, finalmente, de uma marca do tempo impressa nas pedras da cidade.

Raio que o parta. Um objeto de tamanha importância não poderia ser tratado de forma leviana, como simples curiosidade, como alegoria divertida. Ao contrário: este livro traz um estudo seríssimo desenvolvido com rigor científico pelo LAMEMO/UFPA ao longo de mais de 15 anos por meio de mapeamentos, análises, cartografia e datação dos exemplares, pesquisas aplicadas com moradores e construtores. Tais pesquisas, baseadas em teses e dissertações, ressaltam a importância histórica, demonstram que o Raio que o parta é um importante patrimônio paraense.

O livro lança também um alerta sobre o risco de apagamento dessa expressão cultural. Muitas casas Raio que o parta estão sendo descaracterizadas ou demolidas. Algumas casas remanescentes não vieram abaixo muito mais pela falta de recursos de seus moradores em empreender reformas do que pelo reconhecimento do valor patrimonial que possuem. Deve-se ressaltar, neste ponto, a relevância deste livro como um possível instrumento de conscientização tanto dos órgãos de proteção como da população em geral sobre a importância de preservar esses exemplares.

Isso posto, destaca-se que um dos benefícios derivados da leitura deste livro se encontra, justamente, na experiência única e “radiante” que o leitor vivencia ao se envolver com essa viagem no tempo e no espaço proposta pelos autores. Uma viagem imersiva na poética desses caquinhos paraenses que, juntos, demonstram a potência da arquitetura como expressão popular.

*Cristiane Rose Duarte*

Docente aposentada como professora titular da FAU-UFRJ

Docente do quadro permanente do PROARQ-UFRJ

Pesquisadora 1A do CNPq e cientista CNE da FAPERJ

Rio de Janeiro, novembro de 2023



## Apresentação: modernidade tradicional amazônica

Diante da amplitude da divulgação do tema Raio que o parta (RQP), faz-se imprescindível materializar com densidade e responsabilidade uma trajetória de 15 anos de investigações acerca de uma arquitetura que, a despeito de similaridades e coexistências pontuais em outras regiões do Brasil, está marcada de modo incontestado como Patrimônio cultural paraense.

Contudo, essa constatação não encerra a discussão, talvez a mais importante, dos meios de garantir, a despeito do caráter eminentemente dinâmico de todas as culturas, a manutenção das casas Raio que o parta, em sua complexa relação com a expansão urbana, a necessidade de manutenção de suas estruturas, a renovação dos seus moradores e de seus desejos e aspirações e o valor por eles atribuído aos mosaicos que identificam suas arquiteturas.

Ao adentrar numa casa que ostenta em sua fachada as características imprescindíveis da linguagem RQP, sente-se uma atmosfera que nos transporta ao tempo em que foram construídas: meados do século XX. Considerando que, em sua maioria, as casas RQP se mostram num hibridismo rico e alegre, em que os traços de modernidade são sutilmente mesclados às tradições regionais amazônicas, é certo que não se pode classificá-las pelos mesmos critérios que usamos para avaliar uma casa projetada por Oscar Niemeyer ou mesmo pelo arquiteto paraense Camillo Porto de Oliveira. O que só vem reforçar seu valor muito próprio e que associa a arquitetura

RQP à nossa maneira paraense de ser e de viver, o nosso Terruá,<sup>1</sup> o nosso território, o que nos identifica e nos molda.

Este livro é um dos produtos da pesquisa “Arquiteturas em busca de enquadramento: etnografando memórias e esquecimentos na Amazônia” realizada no Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará (LAMEMO-UFPA) desde 2020, que trata das arquiteturas do século XX, visando à apreensão das memórias dos moradores como meio de compreender o caráter de sobrevivência ou de impermanência dessas arquiteturas como parte da dinâmica cultural amazônica. Parte dos dados utilizados neste livro são decorrentes da pesquisa empreendida pela doutora Laura Caroline de Carvalho da Costa, nas incursões a campo realizadas entre 2020 e 2022, em Belém e em municípios paraenses, sendo utilizadas falas de moradores e análises provenientes deste estudo.

Falar de RQP enquanto parte da história da arquitetura paraense e nacional, a partir da vivência local, traduz o que pensamos acerca da necessidade de narrar e interpretar a nossa trajetória sem necessidade de tradutores exógenos. Diante dos desafios de pensar a decolonialidade, o LAMEMO-UFPA vem atuando no registro, na documentação e na análise das arquiteturas RQP como recurso de valorização das produções locais na perspectiva científica, com compromisso em divulgá-las para o mundo.

*Cybele Salvador Miranda*

*Laura Caroline de Carvalho da Costa*

*Ronaldo Nonato Marques de Carvalho*

Belém, 25 de setembro de 2023

---

1 Terruá Pará é uma mostra com mescla de ritmos musicais amazônicos, sintetizada no documentário de mesmo nome (2023), dirigido pela paraense Jorane Castro.



Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2019.



# CAPÍTULO 1

## Caracterizando o Raio que o parta

### 1.1 Arquitetura moderna e cultura amazônica

A cultura paraense, em sua pujante expressividade, gerou produtos de destaque desde a culinária regional, passando pelo artesanato e chegando à escala da arquitetura. Se o tipo palafita amazônico<sup>1</sup> marca a nossa face ribeirinha e cabocla, a arquitetura dos mosaicos de cacos vem se consolidando como a representante do tipo casa vernacular urbana.

Contudo, como já nos alertava o historiador da arte Aloïs Riegl, o gosto dos povos é mutável, não sendo este um critério sólido para garantir a preservação do patrimônio arquitetônico. O gosto, segundo Gillo Dorfles (1989), depende de uma formação cultural dos sujeitos, os quais, independente da classe social, precisam deter uma formação erudita para poder apreciar o que este considera como Arte. Ele aponta para a estratificação do gosto e dos valores estéticos numa tríade: cultura erudita, mid-cultura (tradução livre do inglês *middle culture*) e cultura popular; no meio dessa tríade estariam as expressões do *kitsch* e do *camp*. Ambos

---

1 Ver MENEZES, Tainá Marçal dos Santos; PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. O tipo palafita amazônico: entre formalidade e informalidade do habitar na Vila da Barca (Belém, Pará, Brasil). *Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 44-59, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/2448-296X.2021v6n2ID23710>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23710>. Acesso em: 25 set. 2023.



concordam que a percepção dos sujeitos dá preferência aos objetos contemporâneos, em detrimento das formas estéticas do passado.

O livro de Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti (1979) foi um dos primeiros a valorizar as arquiteturas suburbanas, muitas vezes autoconstruídas, nas quais o emprego de mosaicos de cacos de azulejos era a tônica. O título do livro, *Arquitetura kitsch suburbana e rural*, evidencia o rótulo utilizado para denominar tais manifestações construtivas. Contudo, consideramos o *kitsch* uma reprodução literal de formas, a cópia de objetos e figuras, não sendo fácil associá-lo a formas abstratas. O chapéu do Barata<sup>2</sup> é *kitsch*, pois sua forma arquitetônica emula diretamente o objeto referido, tal qual as arquiteturas Pato designadas por Robert Venturi.

As obras assim categorizadas eram mal vistas pelos arautos da cultura erudita, passando a ser incorporadas pela cultura *camp*, na qual o mau gosto era cultivado deliberadamente como se fosse um refinamento superior. Susan Sontag, ensaísta norte-americana, em suas *Notas sobre camp*, afirma que o *camp* não se inscreve na hierarquia entre arte culta e arte popular, ele simplesmente responde a uma sensibilidade, ao gosto e ao sentimento, que não é visto como inconveniente, mas como inerente à natureza humana.

O *camp* se apega aos objetos em processo de envelhecimento estético, que são considerados como ultrapassados e fora de moda.

*Não é a predileção por aquilo que é antigo enquanto tal. É simplesmente por que o processo de envelhecimento ou deterioração consente o distanciamento necessário — ou desperta uma simpatia necessária. Quando o tema é importante e contemporâneo, o fracasso de uma obra de arte pode nos deixar indignados. O tempo pode mudar isso. O tempo libera a obra de arte da relevância moral, entregando-a à sensibilidade Camp... Outro efeito: o tempo reduz a esfera da banalidade. (A banalidade, no sentido estrito, é sempre uma categoria do contemporâneo) O que era banal, com a passagem do tempo pode se tornar fantástico (Sontag, 1964).*

Portanto, enquanto o emprego de cacos de azulejos coloridos ganhou o gosto das classes média e baixa em diversas partes do Pará, especialmente na Primeira Léngua patrimonial de Belém e em cidades do Baixo Amazonas, do Marajó, da Zona Bragantina e do Tocantins, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, essa predileção não era compartilhada pelos novos arquitetos formados pelo recém-criado Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Pará, fundado em 1964. Até então, as construções de

---

2 O monumento construído em homenagem ao interventor Magalhães Barata, em São Braz, Belém-PA, é assim denominado popularmente.

casas eram realizadas por mestres de obras e engenheiros civis, sendo também auto-construídas por seus proprietários (Miranda; Carvalho; Tutuya, 2015).

No panorama urbano da cidade de Belém, metrópole da Amazônia, após a metade do século XX, houve anseios de modernizar sua fisionomia, quando fachadas de casas de linhas classicistas e ecléticas foram reformuladas para ganhar ares renovados. A atuação dos engenheiros civis estendia-se amplamente no projeto e na construção de prédios de um e dois pavimentos, cujos nomes podiam ser conhecidos pelas placas afixadas nas obras, segundo exigência do Conselho de Engenharia. Engenheiros como Josué Freire, Hermógenes Condurú, Antonio Brito, Philadelfo Cunha, entre outros, eram muito requisitados, com destaque para Josué Freire, que parecia dominar o mercado.



Figura 1.1 Progresso versus pobreza. Fonte: Jornal A província do Pará, 12 jun. 1960, p. 8.

Esses engenheiros contavam com os serviços de desenhistas que, muitas vezes, faziam o papel do arquiteto, interferindo na concepção dos projetos, notadamente de residências. As obras contavam com a presença mais frequente dos mestres de obras, os quais possuíam conhecimento empírico das técnicas construtivas e eram subcontratados pelos engenheiros, que tinham dificuldade para supervisionarem diariamente os serviços, dada a quantidade de obras com as quais eram comprometidos. O papel dos mestres não podia ser subestimado, uma vez que detinham ampla experiência e mantinham-se em contato permanente com os proprietários das casas.

Nesse período, os projetos desenhados à mão, a lápis ou nanquim, constavam de uma prancha única contando com planta baixa, fachada e cortes, sem a especificação precisa de detalhes e materiais de acabamento. O que propiciava espaço para que os executantes opinassem acerca da aplicação de elementos decorativos e de revestimento.

Notadamente nos anos 1960, segundo Antonio Rocha Penteado (1968), Belém do Pará era a cidade mais populosa da Amazônia brasileira, com 359.958 habitantes, seguida pela cidade de Manaus com 154.040 habitantes e São Luís, com 139.075 habitantes. Tendo como bairros mais adensados aqueles desde a Cidade Velha até o bairro do Souza, com predominância da concentração populacional da Cidade Velha ao bairro da Pedreira. Então, Cidade Velha, Campina, Reduto, Nazaré, São Brás, Pedreira e Telégrafo detinham a preferência para morar e trabalhar.

Na década de 1960 eram poucos os edifícios altos na cidade, com alguns exemplares mais destacados, concentrando-se na Avenida Presidente Vargas, antiga 15 de agosto, posteriormente estendendo-se pela Avenida Nazaré.

Nos bairros mais populosos, além de se destacarem habitações que marcaram outras épocas, passou a ser muito comum a construção de casas térreas com platibandas e os famosos bangalôs (casas com dois pavimentos), que geralmente apresentavam pátio no térreo e uma varanda no andar superior, que funcionava como ambiente que antecipava o quarto do casal, voltado para a fachada da casa. Inicialmente as platibandas eram lisas, ou trabalhadas com pequenos relevos em massa, surgindo, nas décadas de 1950 e 1960, alguns tratamentos em azulejos, realçando-as com decorações, fugindo do reboco liso. O emprego de revestimentos em cacos de azulejos com desenhos em destaque, principalmente de triângulos entrelaçados e que depois evoluíram para outras composições, passa a se disseminar via imitação dos exemplares vizinhos.



**Figura 1.2** Av. Alcindo Cacela, Cremação, Belém/PA – Pedreiro/mestre de obras, 1954.  
Fonte: Laura Caroline de Carvalho da Costa, 2022.



**Figura 1.3** Mosaicos em pastilhas adornando a entrada de prédio de três pavimentos – Engenheiro civil.  
Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2016.

## 1.2 Sobre a denominação

A autoria da expressão Raio que o parta é atribuída a Donato Mello Jr. e deve ter sido adotada em razão da jocosidade e do cariz lusitano da expressão. No texto “Arquitetura e açai”, escrito pelo arquiteto como discurso de despedida à turma à qual ministrou a disciplina Arquitetura no Brasil no Curso de Arquitetura da Universidade do Pará (UFPA), em 1966, o professor comenta:

*Muitos paraenses (não orientados) revestiram fachadas de formas agressivas e cacarias azulejadas e multi-coloridas num estilo “raio que os parta”. Donde veio o mau gosto? Também vemos alguns (bem orientados) se orgulharem da coleção fabulosa de suas fachadas azulejadas, fisionomia de uma época mais autêntica e exemplar [...]. Apontaram-me algumas arquiteturas modernas de Belém, melhor diria modernas [...] Na verdade existem alguns bons e elegantes exemplos de arquitetura, num mar de vulgaridade. Abundam formas mal copiadas e inadequadas, inclusive das colunas do magnífico palácio da Alvorada de Niemeyer. O paraense precisa “parar” de reformar fachadas antigas. Acredito que vai parar. Há arquitetos na terra (Mello Junior, 1966).*

A reação de professores das primeiras turmas do Curso de Arquitetura da UFPA, bem como dos alunos dessa época, era compatível com as aspirações de criar uma cidade moderna e bem ordenada, sendo condenáveis, portanto, quaisquer edifícios que não seguissem à risca os preceitos da Arquitetura erudita. Durante uma visita ao LAMEMO, numa conversa informal, o arquiteto Alcyr Meira, aluno da primeira turma do referido curso, designou tais construções como antiarquitetura. Os arquitetos não a consideravam como arquitetura porque não foi concebida no âmbito profissional dos que detêm o conhecimento acadêmico necessário para projetar e construir obras que reúnem os princípios de estabilidade, função e beleza, postulados por Vitruvius.

O início da formação dos arquitetos no Pará era marcado pelo pragmatismo, direcionando os estudos teóricos e técnicos para a capacitação dos formandos para projetar e construir arquiteturas, segundo os ditames do modernismo. A quase totalidade dos alunos complementava os estudos com a prática profissional adquirida em estágios realizados em escritórios de arquitetura e engenharia. Apenas nos anos 1980 iniciou-se a produção de estudos teóricos acerca de nossa arquitetura, tendo como exemplo a investigação sobre a História da Arquitetura no Pará, coordenada pela professora Carmen Lúcia Valério Cal, entre 1986 e 1993, que contou com a documentação e recuperação de acervos da arquitetura local. Dividida em

três etapas: 1ª etapa (1986-1987) – Arquitetura paraense no século XIX; 2ª etapa (1987-1990) – Arquitetura Residencial em Belém: 1º metade do século; e a etapa final – O Pré-moderno em Belém, entre 1991 e 1993.

No âmbito dessa pesquisa, a professora Carmen Cal orientou o trabalho de conclusão de curso “Arquitetura de Belém de 40 a 80”, de autoria de Márcia Barcessat *et al.* (1993), cujo objetivo foi estudar as arquiteturas que se desenvolveram além do período de transição (chamado de pré-moderno) na arquitetura belemense, que o grupo considerou como “os primeiros passos em busca de uma autêntica modernidade” (Barcessat *et al.*, 1993, p. 87). Nesses exemplares, incluem as casas RQP, classificadas segundo a semiologia, designando o prefixo (estilos precedentes que interferiram na arquitetura) somado à raiz (prolegômenos da arquitetura moderna) e à vogal temática (contexto de Belém), formando uma palavra nova (arquitetura moderna particular). Referem-se ao emprego dos cacos cerâmicos coloridos enquanto prefixos à nossa arquitetura, e não como um estilo próprio, entendidas essas construções como assimilação peculiar dos elementos modernos pela arquitetura popular (Barcessat *et al.*, 1993, p. 87). Porém, essas arquiteturas são consideradas como obras artesanais com acabamento descuidado, cópias de obras da cultura erudita, associadas a uma modernidade inautêntica.

Carmen Cal, enquanto professora do curso de especialização História e Cidade, promovido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA- UFPA), orientou a monografia de Ivana Santos (1995) “Raio-que-o-parta – Um fragmento entre cultura e sociedade”. O estudo trata do resgate de um elemento da cultura local que parece revelar a dialética entre cultura e modernidade: a arquitetura modernista de Belém das décadas de 1950 e 1960. Analisando essa manifestação em termos de fachada e identificando o universo subjetivo responsável pela sua elaboração, a autora visa a definir seu alcance como arquitetura ou manifestação cultural.

As arquiteturas RQP são entendidas pela autora como resultado do gosto burguês não qualificado, adotando um processo de tradução de um código mais complexo para uma linguagem mais “simples” e que atinge um contingente maior de pessoas. Em ambos os trabalhos, o RQP é visto como uma tentativa imperfeita de emular a arquitetura erudita do modernismo. Adota o mesmo conceito de Günter Weimer (2012), que associa a arquitetura popular às restrições econômicas, retirando delas todo seu caráter de inovação e inventividade estética.

Nos anos 2000, com a renovação do corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UFPA), há uma ampliação nas discussões teóricas da arquitetura paraense, tendo sido criados os laboratórios de pesquisa, dentre os quais se

insere o LAMEMO. Em 2008, os professores Cybelle Salvador Miranda e Ronaldo Nonato Marques de Carvalho propuseram o artigo “Dos mosaicos às curvas: a estética modernista na Arquitetura residencial de Belém” ao II Seminário Docomomo Norte/Nordeste, sendo editado pelo periódico *Arquitextos*, em 2009. A curiosidade do professor Ronaldo teve início em 1974, quando ingressou como professor de arquitetura brasileira do Curso de Arquitetura, em que apresentou em sala de aula imagens das casas com mosaicos de raios, provocando a reação do então discente Flávio Nassar, que as chamou de Raio que o parta, numa época em que a denominação ainda não era amplamente conhecida.

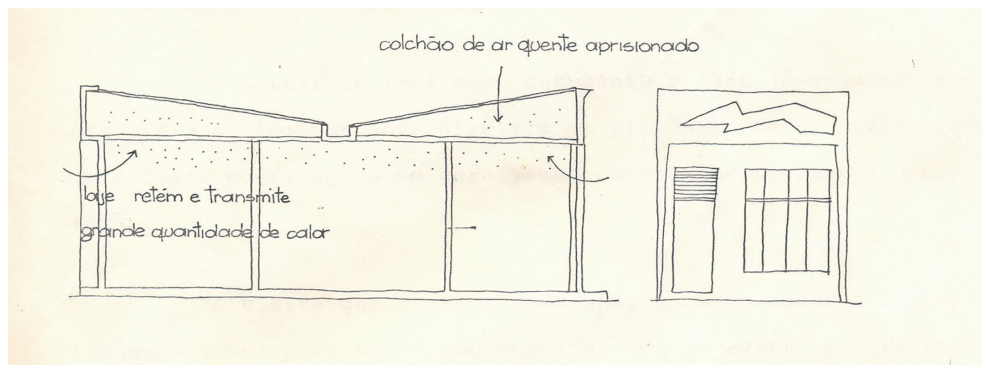
O artigo visa a destacar a vertente estética dessas arquiteturas, no contexto inicial de formação de arquitetos no Pará, em que os primeiros graduados eram engenheiros civis que atuavam em cargos públicos e na construção civil em escritórios de projeto. Em meados da década de 1960, esses profissionais buscavam na arquitetura moderna norte-americana e europeia a inspiração para seus trabalhos: “O modelo modernista era, para nós, uma fachada, um símbolo de status, de pertencermos ao mesmo país em desenvolvimento, apesar das marcantes diferenças” (Carvalho; Miranda, 2009). Os arquitetos recebiam uma formação influenciada pelo racionalismo da Bauhaus, sendo a estética associada à funcionalidade do edifício e à linguagem veiculada em revistas argentinas e brasileiras.

Os primeiros arquitetos egressos do Curso de Arquitetura, segundo os autores, receberam uma formação fortemente influenciada pelo modernismo carioca, por meio do corpo docente composto por arquitetos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Brasil. Inicialmente, havia um curso de 3 anos de adaptação para engenheiros projetistas, que outorgava o diploma de arquiteto a esses profissionais, os quais já atuavam como projetistas, valendo-se de modelos veiculados em revistas:

*Na tentativa de firmar uma identidade regional, os engenheiros das décadas de 30 a 50 tiravam modelos de Revistas como “Sugestões de Arquitetura” e dos Suplementos de Arquitetura do Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo, adaptando-os ao gosto da clientela local, às condições climáticas e aos materiais disponíveis (Carvalho; Miranda, 2009).*

Um dos que realizaram a adaptação foi o engenheiro Milton Monte, que, em 1953, projetou uma construção com os mosaicos típicos do Raio que o parta. Posteriormente, o mesmo engenheiro-arquiteto fez referência à moda do estilo funcional que se propagou em meados do século XX, afirmando se tratar de má interpretação, “um período que produzimos modelos inadequados” (Monte, 1986), ilustrando esse

exemplo com um esboço de uma residência com telhado borboleta e platibanda decorada RQP.



**Figura 1.4** Desenho de casa RQP usado como mau exemplo de adaptação climática.

Fonte: Monte, 1986. Acervo da Biblioteca do ITEC/UJFPA.

O azulejo, que era visto como superado no início do século XX, foi revivido no modismo modernista: em vez de decorado, sua fragmentação passou a decorar as superfícies das fachadas. É então que identificamos nas suas características o Raio que o parta:

*Manifestou-se através de elementos decorativos como: mosaicos em forma de raios coloridos preenchendo as empenas; molduras de janelas com laterais inclinadas; telhado inclinado para dentro do terreno, com parte do telhado aparente, compondo um pequeno beiral em ângulo obtuso com a parede da fachada (telhado mariposa); painéis em cobogós cimentados rústicos ou esmaltados em cores fortes; colunas finas arranjadas em “V” como apoio de marquises e coberturas (Carvalho; Miranda, 2009).*

O emprego das telhas de barro ainda era bastante comum nos anos 1950 e 1960, mas para ocultar uma estrutura tão tradicional, as águas do telhado foram invertidas longitudinalmente para que as águas não caíssem para a frente do lote. Resultaram, pela inclinação exigida pelo tipo de telhas, em empenas frontais consideravelmente altas que recebiam a decoração dos azulejos coloridos. Estabelecendo uma relação dos murais de azulejos coloridos com o movimento neoconcretista carioca, citam exemplares nos bairros do Umarizal e do Reduto, bem como relacionam a tradição da azulejaria portuguesa de revestimento das fachadas neoclássicas como influência para o fenômeno, numa releitura que se aproxima da estética pós-moderna.

Carvalho e Miranda (2009) concluem que as versões regionais do modernismo brasileiro são melhor compreendidas ao estudarmos a experiência do usuário por



meio das “assimilações vernaculares das linguagens formais”, mas os autores se afastam da noção de superficialidade ou *kitsch* que é sugerido nos trabalhos de Barcessat *et al.* (1993) e Santos (1995); para eles, essas assimilações são “manifestação autêntica de um interesse em assimilar padrões exógenos adaptando-os ao gosto local” (Carvalho; Miranda, 2009) que conduziriam ao regionalismo da década de 1980. Em 2012, a arquiteta Andréia Cardoso defendeu a dissertação *A valoração como patrimônio cultural do “Raio que o parta”: expressão do modernismo popular, em Belém/PA* pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que oferece o Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural. A pesquisa visou a compreender o fenômeno enquanto categoria do patrimônio cultural, mencionando a mudança de percepção por parte de segmentos de profissionais de arquitetura que, a partir da segunda década dos anos 2000, passaram a valorizar essas obras e designá-las como patrimônio.

Para definir o RQP, a autora declara que: “o termo é usado para denominar certos imóveis cujas fachadas têm a presença marcante de mosaico e azulejos, numa profusão de cores, símbolos e formas” (Cardoso, 2012, p. 11). A autora fez o mapeamento de 35 edificações em Belém (por meio do registro fotográfico e preenchimento de fichas usadas pelo IPHAN), bem como realizou oito entrevistas com moradores e profissionais de arquitetura. A pesquisa se orienta a partir da pergunta: o Raio que o parta pode ser considerado patrimônio cultural?

Ao ser questionada sobre o tema “patrimônio cultural”, a maioria dos moradores associa a ideia aos casarões ecléticos, localizados principalmente no centro histórico da cidade. Já entre os profissionais de arquitetura, o termo Raio que o parta aplicado às residências construídas entre as décadas de 1950 e 1960, é bem conhecido. Entretanto, a opinião acerca da possibilidade de considerá-lo patrimônio cultural é dividida entre os arquitetos. A autora conclui que a preservação do RQP é mais defendida pelos “agentes do saber técnico” do que entre moradores e proprietários dos imóveis. Desse modo, Cardoso reflete que o tombamento não é a única alternativa de proteção a esses imóveis, citando outros instrumentos, como a educação patrimonial e o inventário.

Em 2015, a arquiteta e designer Laura Caroline de Carvalho da Costa concluiu sua dissertação de mestrado *Raio que o parta! Assimilação do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA)* defendida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Nesta investigação, a autora analisa os casos de apagamento da arquitetura RQP em três bairros de Belém (Cidade Velha, Umarizal e Telégrafo) por meio do método etnográfico, que combinou mapeamento online das fachadas, registro fotográfico e entrevistas com moradores.

Dessa fase das pesquisas, surgiu o desafio de ampliar o mapeamento das arquiteturas abrangendo outras regiões do estado do Pará, visando, assim, a confirmar a existência de arquiteturas Raio que o parta e sua categorização enquanto patrimônio cultural paraense.

Se a disseminação das casas RQP ocorreu pela cópia de desenhos e formas entre casas vizinhas, hoje a imagem do Raio que o parta é explorada por arquitetos e designers que transformam a arquitetura em imagem e produto, que a torna objeto de consumo. O valor estético, antes adotado por pessoas de classes populares em suas moradias, hoje se reverte em marca de destaque para propostas que veiculam a temática amazônica como diferencial (Costa, 2023).

Portanto, o objeto de pesquisa da tese desenvolvida pela autora entre 2019 e 2023 foi delimitado como o impacto da ressignificação da arquitetura RQP no Pará, por indivíduos que nela habitam ou a percebem na paisagem urbana. A pesquisa buscou entender a relação entre os moradores e suas casas por meio do levantamento de fontes documentais (jornais veiculados entre os anos 1950 e 1960), entrevistas semiestruturadas junto a moradores e proprietários de residências, o mapeamento de residências em Belém (nos distritos administrativos de Belém, Guamá, Sacramento e Mosqueiro) e nos municípios de Abaetetuba, Bragança, Cametá, Soure, Salvaterra e Santarém.

Para entender como o público em geral avalia essas arquiteturas, foi realizada a coleta de publicações e comentários sobre o Raio que o parta nas redes sociais Facebook e Instagram. A resposta obtida à pergunta que motivou a pesquisa foi de que o aproveitamento da imagem do Raio que o parta como fator de notoriedade nas redes sociais não auxilia na preservação das casas RQP. Na escuta dos moradores, a autora percebeu que a afetividade deles com as casas é o que as mantém em pé, de modo que é preciso auxiliá-los a reformá-las com conhecimento técnico e estético acerca da manutenção dos mosaicos e de outros elementos arquitetônicos associados.

Recomendamos a leitura de artigos que foram desenvolvidos pelas autoras, professoras Laura Caroline de Carvalho da Costa e sua orientadora, professora Cybelle Salvador Miranda:<sup>3</sup>

- “O ‘Raio que o parta’ em Belém: um estudo sobre a valorização da arquitetura popular paraense”, publicado nos anais do 7º Seminário Internacional em Memória e Patrimônio (2013). Este foi o primeiro artigo publicado durante o mes-trado como resultado da avaliação do Estágio Docente na disciplina Estética

---

3 Essas produções podem ser consultadas no site do LAMEMO: lamemo.arq.br.

das Artes Plásticas com alunos de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Traz a pesquisa realizada pelos discentes nos bairros do Guamá, Pedreira, Telégrafo, Cremação e Jurunas, com entrevistas a moradores e levantamento fotográfico, a fim de estabelecer relação com os conceitos de estética apresentados durante a disciplina.

- “Raio que o parta: o lado b do modernismo paraense”, publicado nos anais do III Enanparq – arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva (2014), em coautoria com a arquiteta Karina Pamplona. Consiste na apresentação do segundo capítulo da dissertação com o estado da arte sobre o Raio que o parta e o comparativo entre as classificações atribuídas pelos autores que já trataram sobre o tema.
- “Raio que o parta na Cidade Velha: quando o moderno encontra a tradição”, publicado nos anais do III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia (2018). Apresenta os resultados obtidos por meio do mapeamento e entrevistas realizadas no bairro mais antigo de Belém, em que as fachadas modernas convivem com construções de linguagem eclética e neocolonial.
- “A efemeridade do moderno e o valor de novidade nas fachadas de residências ‘Raio que o parta’ em Belém, Pará”, publicado no periódico *Arquitextos*, em 2019. Este artigo faz parte das discussões apresentadas ao final da dissertação, na qual observou-se que a maioria dos entrevistados nos três bairros selecionados justifica o anseio de renovação por meio da reforma das fachadas RQP, numa forma de valoração semelhante ao que propõe Aloïs Riegl (2022).
- “Arquiteturas em busca de enquadramento: classificação de fachadas Raio que o parta e coetâneas nos bairros do Marco e da Pedreira, em Belém (PA)”. Anais do XIV Seminário Docomomo Brasil: o modernismo em movimento. Usos, reusos, novas cartografia. Presente e futuro do legado da arquitetura moderna no Brasil. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, em 2021. Apresenta o mapeamento de exemplares em dois bairros de Belém, produzidos em parceria com a pesquisadora voluntária de iniciação científica, Flávia Melo, resultou em quadros que apresentam apagamentos das arquiteturas nos dois bairros, bem como propõe as características fundamentais para a classificação de exemplares como RQP.
- “A experiência imagética na arquitetura ‘Raio que o parta’. 5% Arquitetura + Arte”. São Paulo, ano 17, v. 01, n. 23, e208, p. 1-20, jan. jun/2022. Resulta de

incursões em três casas construídas em meados do século XX em Belém e Abaetetuba, cujas análises de plantas e interiores demonstram uma mudança nos modos de morar dos habitantes que encomendaram essas residências, de modo que as arquiteturas demonstram uma concepção dos espaços interiores que se integra com a aparência moderna das fachadas.

Como se observa, o volume de pesquisas relacionadas ao RQP vem aumentando nos últimos anos. Nesse sentido, os estudos realizados pelo LAMEMO, visam não apenas a mapear os exemplares existentes em Belém e em outros municípios paraenses, como a compreender a percepção daqueles que idealizaram e/ou vivem nessas residências, visto que atuam diretamente na permanência ou apagamento das obras. Da mesma forma, a crescente apropriação visual dessa arquitetura por profissionais e estudantes de arquitetura e design motiva uma reflexão sobre o processo de ressignificação e seus efeitos na preservação ou desaparecimento dos exemplares catalogados.



**Figura 1.5** Fachada RQP desaparecida, no bairro de Batista Campos.

Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2009.

### 1.3 Classificando a arquitetura RQP

O Raio que o parta é uma manifestação inserida no contexto de assimilação da arquitetura moderna em meados do século XX, que gerou variados exemplares feitos por não arquitetos. Sendo assim, a categorização apresentada aqui é um esforço para identificar essas obras de forma objetiva, permitindo seus fáceis reconhecimento e diferenciação de produções coetâneas.

Os primeiros trabalhos que investigam o tema (Barcessat *et al.*, 1993; Santos, 1995) esboçam uma breve caracterização, que se limita ao plano da fachada. Embora a interpretação do RQP como manifestação superficial seja atualmente discutida (Costa; Miranda, 2022), sua identificação mais imediata ocorre nas fachadas; por isso, o trabalho de mapeamento desenvolvido nas pesquisas de Costa (2015, 2023) catalogou fachadas RQP na cidade de Belém e em municípios nos quais a existência dessa arquitetura já havia sido verificada. Complementar a esse levantamento, tem-se a classificação de residências nos bairros da Pedreira e Marco, também na capital paraense (Costa; Melo; Miranda, 2021); tais pesquisas foram realizadas com o auxílio do Google Street View para reconhecimento e localização das obras nas incursões a campo.

#### 1.3.1 Características

Qual é a cara da arquitetura Raio que o parta? Barcessat *et al.* (1993) e Santos (1995) a definem como portadora de características verificadas nas fachadas, tais como:

- presença de painéis de mosaicos de azulejos coloridos (seja em platibandas ou outros pontos da fachada); e
- desenhos como raios, bumerangues, setas e formas geométricas ou figurativas, executadas com os mosaicos ou chapisco em cimento.

Laura Caroline de Carvalho da Costa propõe uma classificação na qual esses elementos são denominados fundamentais, pois “permitem um reconhecimento imediato do RQP” (2023, p. 78). Em paralelo, a autora aponta elementos que chama de associados, porque são assimilações da arquitetura moderna e que podem constar nas casas Raio que o parta, entretanto, não são suficientes para sua identificação: sendo assim, um exemplar RQP apresentaria ao menos um elemento fundamental, podendo ou não possuir elementos associados. Por haver identificado nos mapeamentos virtuais residências com a presença somente desses elementos, a elas foi atribuída a classificação de referência coetânea, pois aludem a

elementos reproduzidos no período de disseminação do RQP, podendo, contudo, serem empregados em reformas contemporâneas. Os elementos associados são:

- Revestimento em azulejo liso ou decorado, sem mosaicos.
- Venezianas e dutos de ventilação (na fachada ou na platibanda).
- Empenas, brises, platibandas e marquises com recortes assimétricos.
- Cobogós e pastilhas.
- Colunas (metálicas, de PVC ou de concreto) inclinadas ou em V.



mosaicos de azulejos  
multicoloridos



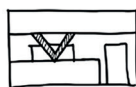
desenhos geométricos,  
alusivos a raios e outros

**Figura 1.6** Elementos fundamentais.

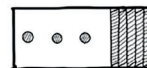
Fonte: Laura Costa, 2022.



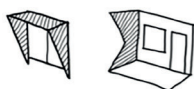
platibandas  
assimétricas



colunas em V



dutos de ventilação  
e brises



planos inclinados ou  
assimétricos



cobogós, pastilhas  
e azulejos não-fragmentados  
(lisos/decorados)

**Figura 1.7** Elementos associados.

Fonte: Laura Costa, 2022

### 1.3.2 Tipos e autorias

A casa RQP pode ser *de raiz* (projetada com as características do moderno assimilado no interior e exterior), geralmente situada no terreno com afastamentos e recuos, sendo de até dois pavimentos; ou *adaptada* (resultante de reformas em casas de estilo neocolonial, eclético ou imperial brasileiro), de gabarito térreo e ocupando as porções frontal e lateral do lote ou com um recuo ou afastamento (Costa, 2023).

O tipo da casa está associado à autoria. Projetos de engenheiros civis costumam situar o imóvel destacado dos limites do terreno, o que favorece a ventilação e a iluminação naturais; além disso, as fachadas podem apresentar mais de dois vãos e os painéis de mosaicos são inseridos na empena do telhado ou em outros pontos da fachada, como pátios, varandas e garagens. Já as obras de pedreiros, mestres de obras e não técnicos (a exemplo da autoria atribuída ao proprietário ou conhecido da família) possuem similaridades na distribuição espacial linear, com fachada no esquema porta-janela, com um afastamento ou recuo, ou alinhada ao lote.



Figura 1.8a Casa adaptada.



Figura 1.8b Casa de raiz.

Fonte: acervo LAMEMO, 2006.

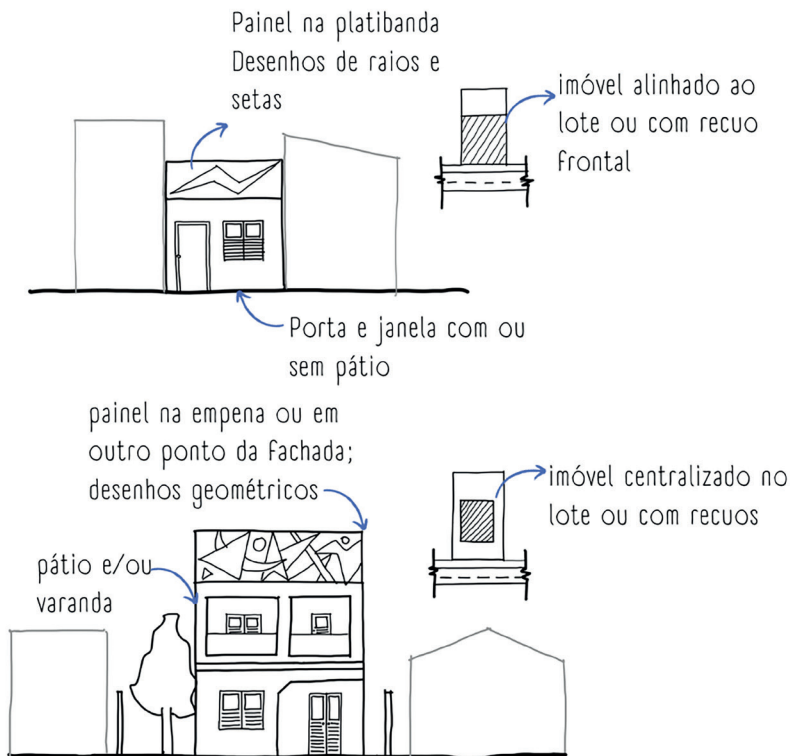


Figura 1.9 Diferenças entre casas construídas por pedreiros e por engenheiros.

Fonte: Laura Costa, 2022.



### 1.3.3 Modificações

De acordo com as pesquisas que tratam da classificação do RQP, as alterações empregadas que apagam as características fundamentais e associadas do RQP consistem em duas formas: pontual (encobrimento dos elementos) ou drástica (remoção dos painéis por reforma ou demolição). Os apagamentos estão associados a fatores como necessidade de empregar melhorias estruturais, acréscimo e/ou remoção de ambientes, além do desejo expresso pelo proprietário de “modernizar” o imóvel, que costuma ser classificado como antigo.

### 1.3.4 Raios pelo Pará

O mapeamento do Raio que o parta vem sendo expandido para outras localidades no estado paraense; o que se observa é a similaridade com os exemplares encontrados em Belém, embora haja peculiaridades que indicam a forma de reprodução dessa arquitetura em cada região. A pesquisa de Costa (2023) aponta a atuação predominante de mestres de obras e não técnicos na criação e na construção de casas de raiz nos municípios de Abaetetuba, Bragança, Cametá, Soure, Salvaterra e Santarém, situadas entre os anos 1960 e 1970. Os entrevistados identificados no estudo justificam suas obras pelo desejo de ornamentação, inspirando-se em casas que viam em outras cidades ou criavam, a partir da própria imaginação, figuras geométricas ou alusivas à natureza, conforme relato de dois mestres de obras nos municípios de Abaetetuba e Cametá (região do Tocantins).

O município que apresenta o maior número de exemplares fora da capital paraense é Bragança, na região do Caeté; o RQP se disseminou tanto na porção mais antiga da cidade quanto nas regiões de ocupação mais recente, e a hipótese para a profusão de obras é o emprego de desenhos abstratos ou raios usando o chapisco em cimento nas fachadas, solução mais econômica se comparada ao revestimento em azulejo. Diferente de Bragança, Santarém apresenta casas RQP em menor quantidade e concentradas na região mais antiga da cidade; os elementos fundamentais são frequentemente situados em platibandas ou empenas de residências térreas, em sua maioria. Nessa localidade, não se obtiveram muitas informações a respeito de quem construiu as obras, mas os relatos de pessoas que participaram da pesquisa de campo indicam que o projeto de suas residências foi concebido em colaboração do proprietário com mestres de obras.



**Figura 1.10** Casa em Bragança, já demolida.

Fonte: acervo do LAMEMO, 2010.



**Figura 1.11** Residência em Santarém.

Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2017.

Na ilha do Marajó, os municípios de Soure e Salvaterra possuem obras cuja autoria é atribuída aos construtores locais que, por vezes, atuavam em conjunto e transmitiam entre si a técnica desenvolvida na elaboração dos mosaicos, cujos desenhos possuem similaridades no aspecto de “raios perfurados” (Costa, 2023, p. 86), e em algumas casas optaram por decorar as empenas formadas pela cobertura, deixando à mostra o telhado tradicional de duas águas; por outro lado, em Soure, a platibanda assumiu em uma residência a forma do raio na convergência das fachadas frontal e lateral, e o desenho também se faz presente no muro de entrada. Costa cita uma edificação em Salvaterra em que atuaram marceneiros e pedreiros para erguer uma estrutura em madeira com fachada de alvenaria, caso que indica a possibilidade da existência de outros exemplares RQP que combinam técnicas construtivas, adaptando a modernidade ao contexto regional.



**Figura 1.12** Casa futurista em Soure.  
Fonte: Laura Costa, 2021.



**Figura 1.13** Casa em Salvaterra.  
Fonte: Laura Costa, 2021.

Essa classificação nos ajuda a entender quais as características que marcam as arquiteturas RQP e distingui-las de outros exemplos que adotam elementos de modernização, permitindo incluí-las no conjunto de referências modernas nas cidades paraenses.



Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2023.



## CAPÍTULO 2

### Percepções do lado de dentro<sup>1</sup>

#### 2.1 Sondando o pensar dos moradores

Para muitos paraenses, o primeiro contato com a casa RQP acontece pelo lado de fora: as fachadas são reconhecidas no seu trajeto diário pela cidade ou ao rolar o *feed* de suas redes sociais. Diante das obras, é comum manifestações de afeto, considerando o Raio que o parta um exemplar do patrimônio arquitetônico do estado. Por outro lado, também é frequente encontrarmos um e outro caso de reformas e demolições que apagam essas mesmas casas. Se, do lado de fora, o RQP é valorizado, o que pensam aqueles que vivem pelo lado de dentro?

A pesquisa junto a municípios paraenses onde se reconhece a presença do RQP buscou responder essa e outras perguntas (Costa, 2023). Entre 2020 e 2022, foram realizadas 155 entrevistas semiestruturadas com moradores, vizinhos e proprietários de casas RQP em Belém, Abaetetuba, Bragança, Cametá, Soure, Salvaterra e Santarém. O roteiro de perguntas visava a investigar as origens da construção, modificações passadas e pretendidas, a relação entre o entrevistado e o imóvel, e o conhecimento sobre o RQP.

---

1 Este capítulo é uma adaptação dos dados obtidos por Laura Caroline de Carvalho da Costa em sua tese *Raio que o parta: arquitetura como imagem e sua resignificação no Pará* defendida em 2023.



As entrevistas destacaram a conexão emocional entre os moradores e as residências, ancorada em memórias familiares e na necessidade de morar em um lugar confortável, além de tornarem evidente o anseio por aprimoramentos no imóvel e sua modernização. O termo “moderno”, nesse contexto, representa o que está atualmente em voga em termos de pintura, mobiliário e revestimentos, uma condição efêmera que logo se torna obsoleta diante do surgimento de uma nova tendência.

Rouanet (1987) propõe que, em vez de uma ruptura com a modernidade antiquada, o que ocorre é uma consciência de ruptura, considerando que o distanciamento pretendido não ocorre em seus aspectos fundamentais. Sendo assim, acredita-se que a intenção de modernização do RQP se assemelha àquela que inspirou a própria manifestação, pautando-se mais na consciência de atualização da estética produzida na contemporaneidade do que no rompimento radical com a estética anterior, e tal atitude pode ser observada nas fachadas em que os mosaicos de azulejos são removidos para dar lugar a revestimentos cerâmicos nos quais as estampas imitam aqueles mosaicos.

A arquitetura de cada sociedade é resultado não somente do clima local e dos recursos disponíveis, mas é também influenciada por valores, forma e costumes, sendo uma expressão da identidade daquela cultura. A vida rural e urbana são expressões da cultura amazônica, e a arquitetura produzida nesses ambientes tem estreita ligação com as narrativas míticas que influenciam o imaginário humano e suas criações artísticas, permeadas pelo viés estetizante e poetizador, segundo Paes Loureiro (2015).

No estado paraense, o modernismo delineou a cultura arquitetônica urbana em meados do século XX, e as construções idealizadas por arquitetos e engenheiros têm seu valor enquanto patrimônio e identidade para a região cada vez mais enfatizados, conforme atestam Chaves, Beltrão e Dias (2020). Da mesma maneira, pode-se dizer que, no contexto de produção não erudita que assimilou o modernismo, o RQP se apresenta como manifestação arquitetônica em busca de enquadramento, cujo processo consiste no estudo da relação entre as obras e seus usuários, que interferem na materialidade por meio de permanências e apagamentos.

## 2.2 Onde se vive: a casa RQP

As primeiras perguntas feitas aos proprietários e moradores buscavam conhecer a época de construção e autoria das construções. Ao responder, o entrevistado poderia associar a idade da casa a acontecimentos familiares, como mudança para o

local e casamento dos pais, até à idade do morador. Essas questões iniciais estimularam algumas pessoas a recordarem do cotidiano da rua e do bairro em meados do século XX, inserindo a casa no contexto e história das cidades.

“Em [19]61, [19]62... O meu pai fez essa casa quando ele completou 25 anos de casado com a minha mãe”. (Salvaterra)

“Na época que fizeram, aqui era só lama, não tinha asfalto, não tinha nada. Aí construíram a casa e não pensaram que um dia ia passar o asfalto, que levou quarenta anos pra passar, meu pai morreu sem ver o asfalto.” (Belém – Pedreira)

Se soubesse quem construiu o imóvel, o morador dizia o nome do engenheiro, mestre de obras ou pedreiro, especialmente se o autor fosse o próprio entrevistado, um parente ou amigo da família que contribuiu com o desenho da planta e dos painéis. Embora não fosse uma pergunta inicial, os materiais construtivos poderiam ser citados nesses momentos, e então começamos a perceber que eles também podem influenciar na decisão de preservar ou modificar a obra. Muitos exemplares RQP foram erguidos sob a técnica da taipa de mão (que o morador chama de “casa de enchimento”), e a deterioração do material causa receio e insegurança; por outro lado, as edificações em concreto e alvenaria de tijolo costumam ser enaltecidas, devido à resistência do material e à espessura das paredes.

“Não tinha cimento, não tinha lajota nem tinha argamassa, então as casas eram feitas tudo de barro tirado no quintal, só o barro, aí eles compravam essas estacas, porque ela era toda de acapu, acapu e macacaúba, as estacas eram tudo que Deus o livre, você cortava uma...ela tava cheirando com todos esses anos”. (Belém – Pedreira)

“Aqui, eu mandei reformar, daí o cara quebrar a parede pra furar, pra botar alguma coisa, botar as tomadas novas, essa coisa toda, ele disse ‘égua... que diabo de parede é essa sua, que é tão dura que quebrou até a broca?’, quebrou não sei quantas brocas... era cimento mesmo, era cimento bom”. (Bragança)



**Figura 2.1** O sr. Ivan Veloso, advogado e ex-secretário de obras de Cameté, desenhou a própria casa e a do amigo.  
Fonte: Laura Costa, 2021, e acervo LAMEMO.



**Figura 2.2** Residência RQP feita em concreto, em Bragança.

Fonte: Laura Costa, 2020



**Figura 2.3** Residência RQP feita em barro (“casa de enchimento”) e alvenaria de tijolo.

Fonte: Laura Costa, 2023

Pela indicação dos moradores, alguns construtores e suas técnicas ficaram conhecidos, e o contato com essas pessoas revelou sua visão sobre as obras décadas depois de construídas, como o impulso criativo por trás da confecção dos painéis, pensados principalmente para decorar as fachadas. Em suas falas, observou-se que demonstram apreço pelas casas que ergueram e defendem sua preservação.

“Isso aí eu coloquei só mesmo pra dar um enfeite... foi assim... tava muito simples, vou inventar um desenho, aí deu nisso... eu achei bonito... aqui não tinha muito, mas aonde eu passei, numa cidade aí, eu vi lá... aqui em Belém... eu adoro a minha profissão, muito mesmo, e mais esses detalhes!” (Cametá)



**Figura 2.4** O construtor Luiz Sales em frente à sua casa RQP, em Cametá.  
Fonte: Laura Costa, 2021.

### 2.3 O que se vive: o olhar do morador

Ao questionar o morador sobre a casa, alguns a percebiam por seu aspecto funcional (ventilação, tamanho e distribuição dos espaços), mas, em relação às características fundamentais do RQP (como os painéis), demonstravam indiferença ou diziam não gostar. Em outros casos, a resposta inicial era o silêncio; instados a dizer se achavam bonito ou feio, diziam não saber, porque nunca haviam reparado na fachada e desconheciam o significado daqueles desenhos, os quais teriam sentido

para quem os idealizou, ou a pessoa os fez sem ter conhecimento do que era. Então, o entrevistado poderia relacionar os raios e as figuras geométricas a alguma referência visual conhecida.

“Parece a casa do Flash”. (Abaetetuba)



**Figura 2.5** A “casa do Flash”, em Abaetetuba.

Fonte: Laura Costa, 2020.

Uma percepção comum entre os moradores é a que considera o RQP como casa antiga, arcaica ou velha. Nesse contexto, a arquitetura dos raios se relaciona às construções do estilo colonial ou classicizante, em particular as que são revestidas com azulejos na fachada; por outro lado, essa antiguidade do RQP era percebida como mais recente, visto que as casas modernas são mais novas que as dos estilos mencionados anteriormente. Outras qualificações atribuídas ao antigo são “interessante”

ou “feito”, podendo indicar a possibilidade futura de reformas ou justificar alterações já empregadas, e o morador acrescentava que essas mudanças não ocorriam por gosto, mas por necessidade.

“Aquela época foi feito assim... não é que eu não goste, é porque tá antigo, tem que mudar...”. (Bragança)

Outras narrativas produzidas pelos moradores mostram que a casa RQP é vivida e percebida nas lembranças e no cotidiano, fatores que interferem nas decisões sobre permanências, tombamento e reformas. A caracterização da casa como antiga é uma qualidade que a destaca das obras contemporâneas por sua permanência na cidade e por abrigar memórias familiares e do bairro. Quando o entrevistado a percebe como integrante da história da cidade, pode mostrar-se favorável à sua preservação, pois a vê como relíquia ou algo original e raro.

A casa costuma representar a conquista da família, representada pelo esforço de seus pais na compra ou na construção. É o lugar dos momentos felizes da infância, recordados com emoção; a admiração pela casa é expressa principalmente quando o autor da obra foi o pai/a mãe do entrevistado. Observou-se que a preservação pode ser determinada pelo vínculo afetivo que resulta das memórias familiares, uma vez que reformar a casa RQP implicaria contrariar os pais (que compraram o imóvel com aquele aspecto) ou apagar o seu legado (quando foram os construtores ou idealizadores). O morador pode enfatizar a funcionalidade do projeto, compatível às necessidades familiares, mas a estética RQP pode ser vista como algo “normal” ou que não havia sido observado, percepção que também foi constatada entre moradores que não possuem vínculo familiar com quem construiu a residência.

“Pra mim é uma referência à minha infância, hoje a gente não vê mais, ninguém constrói... ou foi substituído por um produto de outra forma, com certeza, porque as coisas evoluem, mas pra mim é assim, é a casa em que eu me criei... eu fui muito feliz aqui... ainda sou [chora]... recordo muito do meu pai, ele suou muito pra fazer essa casa”. (Belém-Pedreira)

Geralmente vistos com estranhamento ou como reprodução de uma tendência da época, os painéis de mosaicos despertam curiosidade quanto ao significado, mas percebeu-se que o interesse pelo trabalho é maior quando o tema é figurativo. Ao ser questionado sobre o que o painel RQP representa para si, o entrevistado, que não possui relação com a família que a construiu, responde usando termos como “curioso”

e “diferente”, mas também pode se referir ao painel como “marca”, “símbolo” ou “original”, e o construtor é visto como artista. Por outro lado, o desconhecimento do significado dos desenhos não impede que os proprietários admirem e conservem a obra; isso ocorre devido à conexão que esses desenhos têm com o legado deixado por seus pais ou avós.

É evidente um contraste entre o foco no passado, refletido no apego à materialidade da casa RQP, e o interesse pelo presente: por mais que a casa tenha sido construída pela família e traga recordações felizes, seu estilo não está alinhado às tendências atuais. Ambos os enfoques podem propiciar mudanças na casa, mas aqueles que se voltam para o momento presente são motivados tanto pela necessidade quanto pelo desejo de modernização. Por outro lado, o que olha para o passado tende a preservar as características Raio que o parta porque o lugar representa para ele/ela “memórias de um passado que não volta mais”, refletindo uma perspectiva saudosista.

“Isso representa memórias de um passado que não volta mais, todo tempo é aí, e eu não vou trocar essa frente, a menos que um dia, não sei, daqui com um tempo eu vá embora, vai ficar nossos filhos, se eles vão querer derrubar, a gente nunca sabe das coisas. Eu acho bonito isso, eu gosto de coisas antigas, eu sou feito do passado... meus móveis são tudo antigo”. (Belém – Guamá)

## 2.4 Sobre a intenção de manter ou apagar

Reformas em uma casa RQP são passíveis de ocorrer mesmo quando há interesse em manter suas características: entre as modificações mais comuns (sejam as já efetuadas ou pretendidas) estão a troca de esquadrias, piso e forro de madeira e acréscimo de pavimentos.

Os relatos se dividem entre a manutenção das características RQP e sua eliminação. Os que compõem o primeiro caso têm na relação afetiva e nas memórias que a materialidade desperta o principal motivo para preservar a casa, e o proprietário busca manter ou mesmo reconstruir seus traços originais, ação que se assemelha à restauração; por outro lado, os que desejam modernizar o imóvel planejam reformas que são entendidas como forma de valorização. Alguns entrevistados afirmaram perceber a obra como patrimônio histórico da cidade, sendo por vezes influenciados a preservar a residência pela opinião de vizinhos ou pessoas que pedem para fotografar a fachada.

“Quando as pessoas começaram a admirar, que eu disse que vou mandar tirar, aí uma pessoa disse ‘por que tu vai mandar tirar?’... aí foi que eu me interessei em



pesquisar o porquê disso. Eu entendi esse significado, o Raio que o parta... essas coisas negativas”. (Salvaterra)



**Figura 2.6** Casa RQP em Jubim, vila próxima a Salvaterra.

Fonte: Laura Costa, 2021.

Os motivos mais comuns para efetuar modificações na casa RQP são: o desejo de modernidade ou a necessidade de melhorias (Costa, 2023). A remoção dos elementos fundamentais do RQP costuma ser uma das ações resultantes do desejo de modernidade, pois o proprietário vê os painéis como antigos ou tem dificuldade em recompor os cacos que se perdem, pois não são mais comercializados. Entretanto, para outros moradores, a visão da casa como antiga também pode incorporar um valor histórico para a cidade.

“Mas isso é antiga, é porque essa tava precisando de reforma. Essa reforma foi uma necessidade”. (Bragança)

“A gente vai mandar tirar porque tá caindo, elas [as peças de azulejo] tá soltando do cimento porque com o tempo...”. (Belém – Pedreira)

A indiferença também está presente no olhar de alguns moradores e proprietários de casas RQP, o que pode interferir em futuros apagamentos. Quando o

morador pretende mudar de endereço ou o imóvel está em processo de venda, ocorre por vezes um certo desinteresse quanto ao futuro da casa, mesmo quando esta evoca memórias afetivas, considerando que em muitos casos a posse do imóvel – e, por consequência, a decisão sobre ele – é compartilhada entre herdeiros dos parentes que a construíram, e o entrevistado pode expressar um sentimento de impotência em relação ao que será feito.

No contexto das perguntas sobre permanências e apagamentos, certos entrevistados mencionavam o assunto “patrimônio”, citando o tombamento como instrumento de proteção da casa, e ambas as palavras eram, na maioria das vezes, envolvidas de preocupação, pois, caso sua residência fosse tombada como patrimônio histórico, haveria (segundo o proprietário) diversas restrições para realizar melhorias na casa, além de diminuir o valor de venda do imóvel. Por considerar que não há suporte governamental na manutenção das casas, a crença mais comum observada entre os entrevistados é a de aceleração de degradação das obras a partir do tombamento. Por outro lado, há moradores que acreditam no instrumento para garantir a permanência da materialidade do RQP, bem como estimular o turismo na região.

“O tombamento histórico patrimonial é válido, mas se a gente tivesse um país que cuidasse. Mas, toda vez que eu vejo que é tombado pelo patrimônio, pode ver, ele vai virar ruína”. (Soure)

“Eu digo que essa casa, o pessoal pergunta, ‘Eu não posso mexer nessa casa porque ela é tombada pelo patrimônio’. Eu que falo em tom de brincadeira”. (Belém – Pedreira)

Também foi investigado se havia conhecimento sobre a arquitetura RQP, citando a casa do entrevistado como um exemplar. Quando já se sabia sobre o assunto, a maioria das pessoas cita o conteúdo divulgado nas redes sociais ou na televisão como fonte de informação, além de casos em que são abordadas por estudantes ou pessoas que pedem autorização para fotografar a casa. Nesse contexto, a curiosidade do morador é despertada pelo olhar de fora, seja pelo contato com aqueles que admiram o RQP ou pelo conteúdo produzido sobre o tema entre os veículos de comunicação, estimulando-o a pesquisar sobre o assunto e procurar obras semelhantes à sua.

“Eles fizeram não sei o que do diabo, do demônio... eu me esqueço como é o nome disso [ao ouvir o nome, começou a rir]... Isso! Eu sabia que tinha alguma relação! Eu não sabia o que era até um rapaz me pedir pra botar numa revista e

disse que ia mandar as fotos... Ele disse ‘posso bater?’; ‘Pode, não tem problema, qual o nome disso aí?’ Aí ele não me falou e eu fui procurar pela internet e vi que era Raio que o parta, aí eu disse ‘eu acho que o homem não disse porque tinha relação com o demônio e o homem não quis me dizer!’... Eu acho que, na época, isso era muito popular, todo mundo fazia. Antigamente tinha, é que o pessoal vai reformando as casas... por exemplo, aquela casa de dois andares ali tinha, o homem tirou... deve fazer 10, 15, não, mais de 15 [anos]... mas aqui tinha um monte de casas com esse desenho e agora não tem, só tem a minha... eu tive pesquisando e não tem mais muito”. (Belém – Marco)

A noção do RQP como algo antigo é uma percepção frequente, em que se caracteriza a manifestação como tendência de uma época que reproduziu casas segundo um estilo. Há, também, curiosidade sobre o que os desenhos nas fachadas significam, sendo observados com estranhamento; essa reação, somada ao riso, costuma ocorrer diante da expressão Raio que o parta, em virtude do seu significado original ser pejorativo.

“Como é o nome? Raio que o parta? Ave Maria, Deus me livre e guarde!”. (Santarém)

“Eu sempre soube, porque naquela época esse pessoal que trazia isso era de Portugal, os portugueses que inventaram essas coisinhas, colocar essas pedrinhas... e a mamãe sempre me disse. Uma vez eu perguntei: mamãe, por que esses raios? – raio que te parta!”. (Belém – Guamá)

Em suma, observa-se que, embora a ideia de casa antiga esteja presente nas falas que tratam tanto da percepção da própria casa quanto da arquitetura RQP de forma geral, há distinções de ideias de acordo com a questão que lhe é direcionada. Quando o entrevistado é perguntado sobre sua residência, os relatos costumam associá-la, em ordem de recorrência, ao valor de antiguidade, memórias da família, juízo estético e indiferença quanto ao significado. Ao ser interrogado sobre o conhecimento da arquitetura RQP, o que fica evidente é a visão que se complementa com o que é percebido pelo olhar de fora, seguida por curiosidade acerca dos desenhos abstratos, relação com a arquitetura portuguesa e seus azulejos ou visão supersticiosa diante da expressão que nomeia a manifestação.

## 2.5 Reflexões sobre o olhar de dentro

Conhecer a casa RQP nos permite entrar em contato com o contexto da cidade, quem a fez e suas motivações, e esses detalhes são tão importantes quanto o olhar

das pessoas que vivem o RQP pelo lado de dentro. O conjunto de significados emerge espontaneamente nas histórias da família e dos momentos felizes da infância do morador, que se comove ao traduzir em palavras o que a casa representa para ele/ela.

A perda de obras que assimilaram o modernismo no Pará envolve fatores que precisam ser considerados, entre eles a necessidade de melhorar a estrutura deteriorada de algumas casas; mesmo que o morador/proprietário valorize a estética RQP de sua residência, algumas dessas alterações são iminentes e poderão alterar drasticamente a fachada e o interior das edificações. Entre as principais razões para o apagamento está a dificuldade na aquisição de azulejos similares que compõem os mosaicos para substituir fragmentos ausentes, além da carência de acompanhamento feito por arquiteto nas reformas que pretendem conservar os elementos fundamentais.

Quem vive na casa RQP costuma valorizá-la pelas lembranças e pelo legado familiar manifestado na construção; com frequência, o morador toma consciência da manifestação arquitetônica por meio do contato com o olhar de fora, conferindo à residência significados que se somam aos já existentes (a respeito das memórias afetivas) ou alterando-os (como os relacionados ao valor de novidade, segundo Riegl, 2022). Mesmo assim, a resignificação pode estimular tanto a preservação quanto o apagamento, considerando a percepção do morador acerca do tombamento como ação restritiva às intervenções para manter a casa.





Fonte: Juliana Pereira, 2023.



## CAPÍTULO 3

# Metamorfose – o Raio que o parta como referência cultural paraense

### 3.1 Raio que o parta, a não-arquitetura torna-se ícone da modernidade brasileira

A modernização das arquiteturas em países de passado colonial, como o Brasil, ocorreu de modo peculiar, enquanto manifestação de desejos que desenha um caleidoscópio de imagens que mesclam referências tradicionais locais com influências exógenas, sendo seu reconhecimento obliterado por décadas. Esse é o retrato de uma expressão estética modernizante que tomou forma no estado do Pará, na Amazônia brasileira, nos anos 1950 e 1960, a qual recebeu a alcunha de Raio que o parta (RQP) por parte de arquitetos e projetistas, que a identificavam como uma afronta à arquitetura erudita, de matriz europeia e norte-americana. A partir do início dos anos 2000, essa expressão ganhou espaço nos estudos críticos acerca da arquitetura local, de modo que monografias e artigos acadêmicos passaram a valorizar o tema, reconhecendo nessa expressão, caracterizada pela aplicação de mosaicos de cacos cerâmicos coloridos, com formas geométricas e figurativas, valores intrínsecos do amálgama que delineia a cultura amazônica.

Desde então, tais exemplares vêm sendo documentados, bem como as memórias de seus moradores, buscando desvendar o significado e os valores dessa arquitetura, para além do rótulo vernacular ou espontânea. Tais edifícios, majoritariamente de função habitacional, eram planejados e construídos por seus proprietários, por



vezes em conjunto com engenheiros ou mestres de obras, num processo de reinvenção do revestimento azulejar de origem portuguesa ligado aos painéis modernistas do Centro-Sul brasileiro, ganhando formas futuristas e de grande expressividade. Atualmente, de maneira concomitante com o sucessivo desaparecimento de muitos exemplares RQP, os padrões adotados nos mosaicos vêm sendo utilizados como referência para objetos de design, aplicação em interiores comerciais, atingindo novos públicos como ícone identitário da cultura amazônica. Nesse processo, o RQP renova sua vitalidade abrangendo outros setores da sociedade, e sendo reconhecido como expressão modernista brasileira nas comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, tida como marco inaugural da Arte Moderna no Brasil.

Essa metamorfose não nos surpreende, se utilizarmos o conceito de que a modernidade representa um amálgama entre tradição e novidade, conforme nos explica o filósofo francês Jean Baudrillard. Para ele, a modernidade não representa uma mudança radical ou uma revolução, “mas que ela se envolve hoje com a tradição num jogo cultural sutil, num debate onde os dois se ligam em parte, num processo de amálgama e adaptação. A dialética da ruptura nela cede largamente à uma dinâmica do amálgama” (Baudrillard, n.d., p. 424, tradução nossa).

Assim, as culturas tradicionais assimilam em parte as formas da modernidade – os artefatos tecnológicos, a cultura de massa, o cotidiano –, apenas como aparência, sem assimilar os longos processos econômico e político de racionalização por que passaram as culturas desenvolvidas, desembocando no campo social em reivindicações de mudanças. Essa expressividade na qual a tecnologia emerge no campo cultural é visível no movimento do tecnobrega, em que grandes estruturas se movimentam, as aparelhagens, sendo as mais conhecidas o Príncipe Negro, Tupi-nambá, Rubi, Super Pop e Crocodilo.<sup>1</sup> Estas últimas participaram de uma batalha de sons e cores no Estádio Mangueirão, não por acaso obra maior do arquiteto Alcyr Meira, pioneiro da arquitetura moderna no Pará.

A abertura de espaço para manifestações híbridas e divergentes é parte do contexto moderno, visto que:

*A Modernidade não é a racionalidade nem a autonomia da consciência individual, que, portanto, a fundamenta. É, antes a fase do surgimento triunfal das liberdades e dos direitos individuais, a exaltação reacionária de uma subjetividade ameaçada pela homogeneização da vida social. É a reciclagem da subjetividade perdida num sistema de “personalização”, nos efeitos da moda e da aspiração dirigida (Baudrillard, n.d., p. 425, tradução nossa).*

1 A aparelhagem Super Pop usa o raio em sua marca, ver SUPER POP Tecno Melody – Sequência Marcante Edição Salinas Verão 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ItsU5mI8ovA>.

O autor destaca que, no meio do século XX, havia o desejo de demarcar a individualidade por meio do vestuário, num anseio de expressar um estilo que defina o indivíduo. Com a crescente superação do mundo real pelo mundo virtual, usar roupa de skatista ou modelos orientais não implica em tomada de posição por parte de seu portador, uma vez que o universo virtual vai paulatinamente debotando o sentido dos signos, ou criando novos sentidos (Baudrillard, 1991, p. 13-14).

Os limites entre o popular e o erudito na arquitetura estão em permanente redimensionamento, embora, nas últimas décadas, perceba-se uma crescente valorização dos gostos populares, traduzindo-se numa estética frequentemente híbrida. Embora nos últimos anos a linguagem RQP tenha sido tema de notícias na imprensa e em produtos de moda, percebe-se ainda a desvalorização dessas obras por parte dos proprietários, os quais vêm procurando “esconder” os raios com pintura ou com a sua substituição por revestimentos contemporâneos. Os estudos desenvolvidos pelo LAMEMO vêm construindo um mapeamento dessa produção arquitetônica, a fim de situá-la no contexto da modernidade regional e nacional, ressaltando seu valor estético-cultural, que possa vir a embasar ações de sensibilização aos seus moradores, a fim de garantir a permanência dos exemplares que resistiram até o presente.

### 3.2 Arquitetura híbrida e poética

Em 1987, o ensaísta Marshall Berman define a modernidade como a experiência, de tempo e espaço, compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo. A modernidade, ao mesmo tempo que rompe fronteiras, nos coloca num “turbilhão permanente de desintegração e mudança”. “Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’” (Berman, 1987, p. 15). Ele prevê a continuidade da Era moderna, dada sua capacidade de adaptação às turbulências, na qual a cultura do modernismo desenvolverá novas visões e expressões de vida.

O estudo do RQP implica no mapeamento e na discussão de uma manifestação importante do modernismo inserida na cultura paraense, que reflete a assimilação de modelos externos e seu processo antropofágico de transformação pela cultura popular. Percebe-se que o imaginário da modernização se estende pelas vertentes da cultura local, passando pela música e pela dança – o tecnobrega –, influenciando também a produção de moda, como atesta a reportagem “Fachadas ditam moda: Raio que o parta é expressão Fashion” (Amazônia Jornal, 2011, p. 19).

Para Silvio Colin (2012), a imagem na arquitetura popular é predominante, repletando experiências passadas e referências emocionais que nem sempre se adaptam à forma, à estrutura e ao programa arquitetônico. Essa contradição é citada pelos autores em duas principais manifestações: o pato e o galpão decorado. “O

pato é a edificação especial que é um símbolo; o galpão decorado é o abrigo convencional a que se aplicam símbolos”, sintetizam os autores Venturi, Brown e Izenour (2003, p. 118).

Segundo Silvio Colin (2012), a arquitetura “pato” tem uma expressividade conotativa e abstrata, enquanto o “abrigo decorado” é significativo, simbólico e denotativo. A primeira oposição trata de expressão versus significação. Os abrigos decorados usam velhas palavras com novos significados, enquanto os patos dos modernistas tardios lançam mão de novas palavras.

Colin (2012) classifica a arquitetura “pato” como “revolucionária, progressiva e anti-tradicional (*sic*), enquanto os ‘abrigos decorados’ são evolucionistas e usam frequentemente precedentes históricos”. Os abrigos decorados têm a arte popular como inspiração, bem como aceitam o parcelamento do solo tradicional e os valores dos clientes, como acontece com a arquitetura Raio que o parta.

Assim, a compreensão da arquitetura passa pelo estudo dos conteúdos sintático e semântico dela mesma. O modelo do galpão decorado não serve, contudo, para explicar a manifestação em questão, uma vez que a decoração azulejar implica também em criação de volumes e adoção de partidos arquitetônicos diversos. Portanto, sugere um estudo combinado de fatores plásticos volumétricos e de superfície.



**Figura 3.1** Arquitetura em texturas e volumes criam formas complexas.

Fonte: acervo do LAMEMO, 2010.



**Figura 3.2** Prédio de uso misto no Distrito de Icoaraci.

Fonte: acervo do LAMEMO, 2012.

Entender a arquitetura RQP como parte dos desvios modernistas nos coloca em diálogo com a produção estética contemporânea, cujos estudos de percepção evidenciam a experiência do usuário como fator necessário à concepção projetiva, à qual se incorporam referências eruditas e não eruditas (Miranda; Carvalho; Tutyia, 2015).

O estudo da apropriação não erudita dos preceitos modernistas no Brasil é tema de pesquisas, tendo como objeto principal a arquitetura residencial. No texto “Modernismo popular: elogio ou imitação?”, Fernando Camargos Lara (2005) reflete sobre a apropriação popular do repertório moderno em residências de classe média, nos anos 1950, em Belo Horizonte. Lara destaca a importância da preservação de tais obras, uma vez que o patrimônio modernista brasileiro não deve se restringir aos edifícios com autoria de arquitetos; isso porque a maciça produção do ambiente construído das cidades brasileiras executadas entre as décadas de 1940 e 1960 se inscreve como arquiteturas produzidas por não arquitetos, que assimilam e divulgam elementos do modernismo.

As “casinhas modernas” a que se refere o autor também aparecem de forma significativa na paisagem paraense, não só da capital, mas também de importantes cidades do interior, cujos proprietários estiveram alinhados na mesma ideologia de modernização.

Ângelo Arruda (2004) aponta o interesse pelo repertório modernista na arquitetura residencial de Campo Grande (MS), destacando os seguintes elementos:

*Pedras usadas como revestimento de fachadas, em paredes, muros ou detalhes de varandas; pergolados de concreto, apoiando vigas de varandas ou até compensando elementos de fachada; pilares falsos que não tem função de apoiar coberturas que tem função de dar novo ar à edificação, imitando os pilares da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer ou de Lúcio Costa ou ainda, conjunto de apoios em forma circular, na realidade pedaços de barras de ferro preenchidas com concreto; pilares com formas em “V” muito usadas pela arquitetura paulista e carioca nos anos 50 e muito difundida pela revistas de época, principalmente a O Cruzeiro; platibandas que escondem a cobertura em telha de barro francesa e que ornamentam a fachada com frisos horizontais e verticais, ainda numa semelhança do estilo Art Déco; falsas platibandas inclinadas para lembrar o telhado em borboleta; elementos inclinados na fachada frontal, para quebrar a forma reta do edifício, dentre outros elementos, são muito encontrados na arquitetura popular, geralmente feita sem arquitetos ou engenheiros e que os construtores obedeciam quase que uma ordem do proprietário (Arruda, 2004).*

Contudo, a despeito das semelhanças elencadas, houve no Pará a introdução de elementos iconográficos figurativos e o uso de cores fortes, que refletem características da cultura paraense, como barcos, brinquedos populares ou animais.



**Figura 3.3** Raios e papagaio no bairro do Guamá.

Fonte: acervo do LAMEMO, 2011.

Na arquitetura contemporânea, o retorno do ornamento na cena arquitetônica não é um fenômeno recente, uma vez que os críticos pós-modernos, como Robert Venturi, incitaram uma busca do uso de uma escrita baseada historicamente, bem como a apropriação dos signos da cultura popular e do vernacular comercial. Eles usam a ironia e insistem na carga simbólica da forma ornamental, destacando sua função comunicacional. Muitas revistas de arquitetura destacaram o tema nos anos 1990, contudo, os pressupostos conceituais são demasiadamente diversos para conduzir a um denominador comum. Nesses trabalhos, o ornamento é relacionado às noções de superfície, matéria, textura, motivo ou detalhe construtivo, afirmando seus status de signo, “tanto na autonomia gráfica de uma decoração quanto na reconquista de uma forma de expressividade tectônica” (Koetz; Thibault, 2012, p. 2).

Contudo, os autores realçam a busca de dotar os debates sobre o ornamento de uma legitimidade teórica, seja por meio de um caráter conjuntural seja por meio de seu atrelamento a problemáticas arquitetônicas anteriores.

O deslocamento do esforço arquitetônico para a superfície deve-se à necessidade de tornar autônomo o invólucro externo do edifício, segundo a distinção nas tarefas de concepção, que obedecem a funções diferentes – performance térmica, estrutura construtiva, ou ainda as temporalidades diferentes de evolução do espaço interno e da aparência externa. O espaço interno se autonomiza do externo. Desenvolve-se, hoje, portanto, uma cultura arquitetônica do ornamento, que, no âmbito conceitual, é considerada como uma convenção cultural própria a arte de construir, permitindo interrogar os fundamentos da disciplina.

A cultura do ornamento é tema de todas as disciplinas, da antropologia à história da arquitetura, com destaque aos arquitetos Gottfried Semper, Owen Jones, Louis Sullivan, ao lado de Alois Riegl e Wilhelm Wörringer, “na constituição de um pensamento moderno sobre o ornamento” (Koetz; Thibault, 2012, p. 3). Assim, diante do marasmo do panorama arquitetônico atual, o estudo dos padrões e das formas adotados nas edificações RQP servirá para estimular a produção arquitetônica contemporânea, no caminho de uma linguagem híbrida amazônica.

O retorno ao estudo de Semper refere-se ao renovado interesse pela arquitetura do século XIX, ao seu pensamento ornamental, porque não o utilizar para ajudar a construir um aparato analítico útil à compreensão das obras contemporâneas?, perguntam os autores. O destaque é dado ao reinvestimento na poética arquitetônica ligada aos motivos construtivos, relacionados às técnicas de fabricação. No século XIX, a questão do ensino do desenho é tratada como uma relação de continuidade entre ciência, arte e indústria, na criação de um código comum ao operário

e ao artista. Nos manuais ou nas gramáticas, se combinam uma estrutura geométrica erudita, uma dimensão artística e uma abertura para a história das técnicas. Com a possibilidade das técnicas de desenho e prototipagem, a produção de materiais de construção torna-se mais diversificada, utilizando modelos matemáticos para a produção de peças em computador.

Na concepção de Semper, o ornamento é um dispositivo cenográfico, teatral, análogo ao figurino, segundo uma lógica de emancipação da realidade material, como uma transfiguração:

*Mascarar-se não se trata de que o que está atrás da máscara é mal feito ou se a máscara não vale nada [...] somente uma realização técnica perfeita, um tratamento correto dos materiais em função das suas propriedades, e o respeito dessas na modelagem da forma farão esquecer os materiais eles mesmos, e contribuirão para libertar completamente a criação artística*  
(Semper apud Koetz; Thibault, 2012, p. 5, tradução nossa).

Em outros trechos, Semper insiste na carga memorial do ornamento, especialmente em certos fenômenos de permanência formal: os motivos inicialmente ligados a técnicas arcaicas serão pouco a pouco carregados de valores simbólico e ritual suficientemente fortes para contaminar as formas de arte mais elevadas. A difusão desses motivos, de um material a outro e entre civilizações diferentes, demonstra a permanência de características formais anteriores, uma vez que elas adquirem valor cultural. Assim, na evolução da arte monumental, é preciso distinguir as mutações formais ligadas a transformações nos usos e nos modos de construção, e a longevidade de certos motivos ornamentais dotados de uma espessura memorial.

Um dos exemplos citados é o de uma “tatuagem” de fachada realizada em Munique pelo Atelier Hild und K Architekten, em 1999. O imóvel *Schöneberg-Belziger Straße* foi tratado com a busca de uma ligação memorial com os motivos formais preexistentes à intervenção do arquiteto, resgatando os desenhos originais da fachada. A estratégia de intervenção adotou o processo de impressão: em vez de reconstruir uma decoração desaparecida, ela foi restituída por meio de um decalque em grande escala. “O ornamento é o lugar de uma experimentação relativa as maneiras de conjugar os meios contemporâneos e a pesquisa de uma continuidade cultural” (Koetz; Thibault, 2012, p. 9).

A reflexão final aponta que, apenas compreendendo e refletindo sobre o passado, a arquitetura pode continuar a ser uma disciplina social e artística pertinente, sendo o ornamento um meio privilegiado para essa continuidade.

### 3.3 Modos de morar e a transfiguração dos mosaicos

O modo de morar de um povo faz parte de sua cultura, compondo o patrimônio cultural imaterial daquela sociedade. Essas formas de celebrações e de transmissão de saberes e conhecimento compõem nossas identidades comuns (populares, vernaculares), no sentido do pertencimento correspondente à “alma dos povos”, conjugando memórias que fortalecem os vínculos identitários. Os moradores desses tipos de residir estabelecem um vínculo com a maneira de construir suas casas, seu programa de necessidades, constituintes estéticos, entre outras características. A casa em que vive torna-se um demonstrativo da cultura à qual o indivíduo pertence. Ou de suas ambições e desejos, percebidos na adoção de referências exógenas, por exemplo a inclusão da banheira como equipamento para banho nas casas RQP.



**Figura 3.4** Banheiras em casas RQP em Belém. (continua)

Fonte: acervo do LAMEMO, 2012; Laura Costa, 2013.





**Figura 3.4** Banheiras em casas RQP em Belém. (continuação)

Fonte: acervo do LAMEMO, 2012; Laura Costa, 2013.

Portanto, a apreensão da arquitetura como um produto cultural é a base para sua valorização enquanto sistema dinâmico, de modo a favorecer sua preservação como patrimônio material (casa) e imaterial (imaginário associado a ela, composto por memórias, relatos de vida).

O estudo dos simbolismos presentes também é um caminho ainda por explorar, sendo significativa a presença do olho, semelhante ao olho maçônico, o olho da Providência ou do Grande Arquiteto. Referências a compasso e esquadro também unem a profissão dos construtores (desenhistas, arquitetos, engenheiros) à simbologia maçônica. O desejo de marcar a identidade da residência com a de seus proprietários, de reproduzir uma crença ou um valor estético, são questões em que a psicologia do sujeito se expande e se materializa na fachada da casa, seu meio de diálogo com a sociedade.

Contudo, a sobrevivência do RQP vem se transformando no que se refere a seu uso enquanto imagem. Em 2011, o *Blog do LAMEMO* foi reformulado para adotar texturas dos mosaicos RQP, de maneira concomitante à produção da coleção de camisas pela loja Ná Figueiredo, que adotou o tema em suas criações.

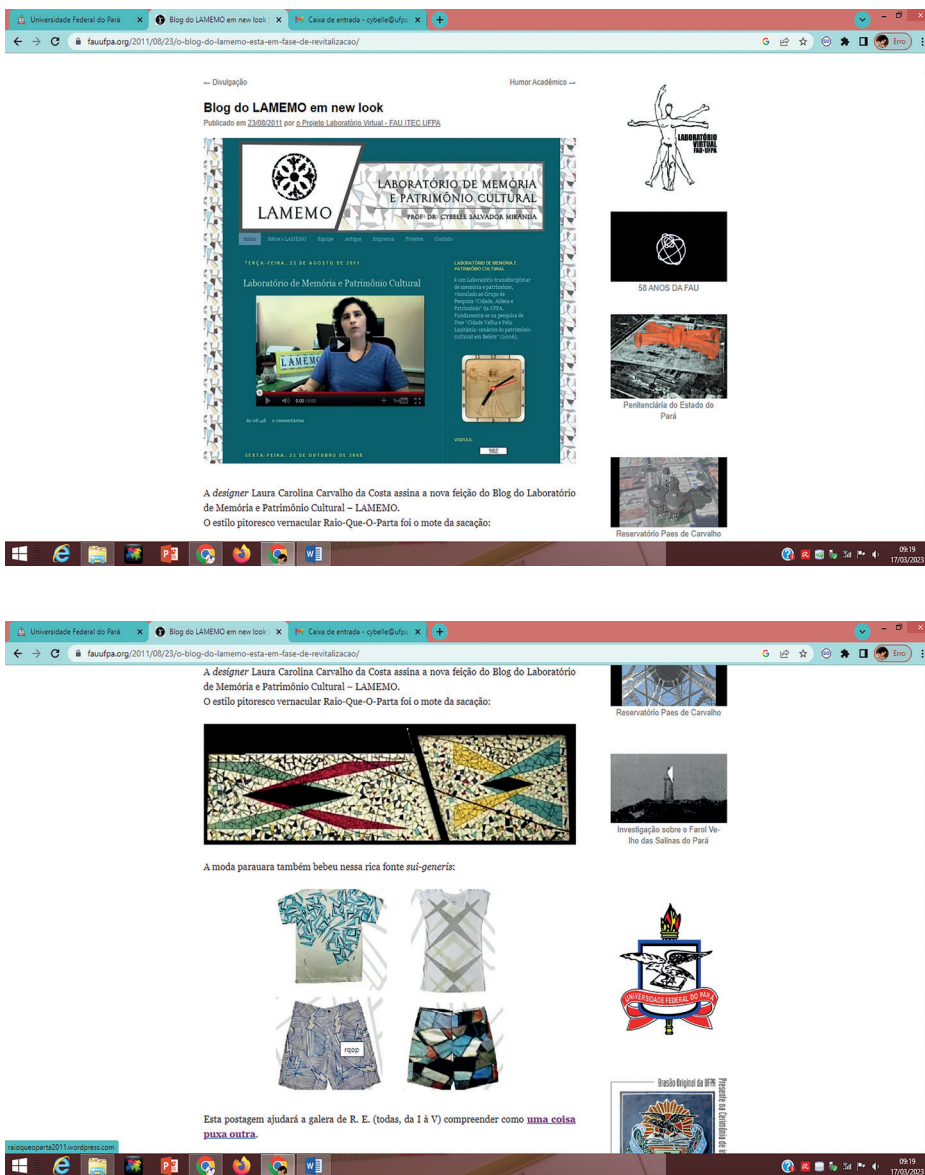


Figura 3.5 Design visual do *Blog do LAMEMO* adota estética dos mosaicos.

Fonte: arquiteturaapamemoria.blogspot.com.

Muitas ambientações interiores apropriaram-se dos cacos, como podemos ver no Restaurante Casa Namata (2020), em que as cores quentes contribuem para produzir uma atmosfera amazônica e peculiar no local, que congrega artes visuais, música e gastronomia.



**Figura 3.6** Mosaicos e raios integrados em novas arquiteturas.

Fonte: Cybelle Salvador Miranda, 2022.

Em 2016, a designer de joias Lídia Abrahim divulgou na plataforma o processo de desenvolvimento de sua coleção inspirada no RQP, tendo como referência as pesquisas desenvolvidas no LAMEMO. No mesmo período, o estilista Petrvs Figueira produziu uma vaquinha RQP e a expôs no Forte do Castelo, como parte da CowParade em comemoração aos 400 anos de Belém.



**Figura 3.7** Raio-Cow-Parta.  
Foto: Cybelle Salvador Miranda, 2016.

### 3.4 Ações de educação patrimonial: do Pará para o mundo

Como parte do processo de extensão do LAMEMO, foram realizadas palestras informativas em eventos promovidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU-UFPa), trazendo informações e análises e inculcando na comunidade docente e discente a curiosidade e o interesse pelo tema. Grupos de discentes buscaram integrar-se no inventário que vem sendo realizado pelo Laboratório, tornando-se o tema objeto de estudo de trabalhos de conclusão de curso, adentrando em outras vertentes acerca dessa manifestação arquitetônica. Dentre essas ações, destacamos a pesquisa produzida por alunos de Representação e Expressão dos professores Dina Oliveira e Luciano Oliveira, em 2019, que redundou em um conjunto de maquetes de casas populares, dentre as quais figuram expressivos exemplares RQP.



**Figura 3.8** Maquete de casa RQP produzida para a disciplina Representação e Expressão V, na FAU-UFPA.

Fonte: Ronaldo Nonato Marques de Carvalho, 2019.

O LAMEMO empreendeu ações voltadas para a educação patrimonial visando ao reconhecimento do Raio que o parta no meio acadêmico. Em 2020, organizamos a Oficina do Caqueado, em parceria com a Tekoá, empresa júnior da FAU-UFPA, que apresentou a temática dos mosaicos e da arquitetura RQP, desejando transmitir aos participantes a história e aplicação de mosaicos cerâmicos, usando a estética RQP, no sentido de que os inscritos se apropriassem da técnica e dos desenhos aplicados nas fachadas para criar pequenos painéis ou reformar objetos de decoração. A repercussão foi positiva, ensejando a necessidade de ampliar as iniciativas de formação.

A temática também foi adotada na produção do mural sensorial do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), atividade proposta pela coordenação do Programa, visando a envolver os discentes na criação de um cenário motivador que conferisse identidade ao corredor de acesso às salas de aula. Na discussão inicial dos temas que refletissem as pesquisas em curso, emergiu a técnica do mosaico, que, junto com a confecção de placas de concreto colorido, propiciaram experiências táteis à obra. O mosaico tomou a forma do mapa de Belém, incluindo as porções continental e insular.

O processo de quebra das placas cerâmicas tornou-se convidativo aos alunos, que viram na atividade um meio de aliviar o estresse das atividades acadêmicas, sendo os atos de cortar, colar, desenhar e pintar uma experiência lúdica, durante a qual o mosaico revelou seu potencial ativo na psique dos envolvidos.



**Figura 3.9** Oficina do Caqueado.

Fonte: Cristhian Cabral, 2020.



**Figura 3.10** Mapa de Belém em mosaico.

Fonte: Ronaldo Nonato Marques de Carvalho, 2022.

Em 2021, fomos contatados pela pesquisadora responsável pela Rede de Investigação em Azulejo (AzLab), sediada na Universidade de Lisboa, que, ao saber de nossa pesquisa sobre os mosaicos, nos enviou o convite para uma sessão do Seminário AzLab, realizada no início de 2022, que ampliou o conhecimento internacional do fenômeno, trazendo questionamentos e dúvidas dos presentes acerca das técnicas e dos materiais adotados.

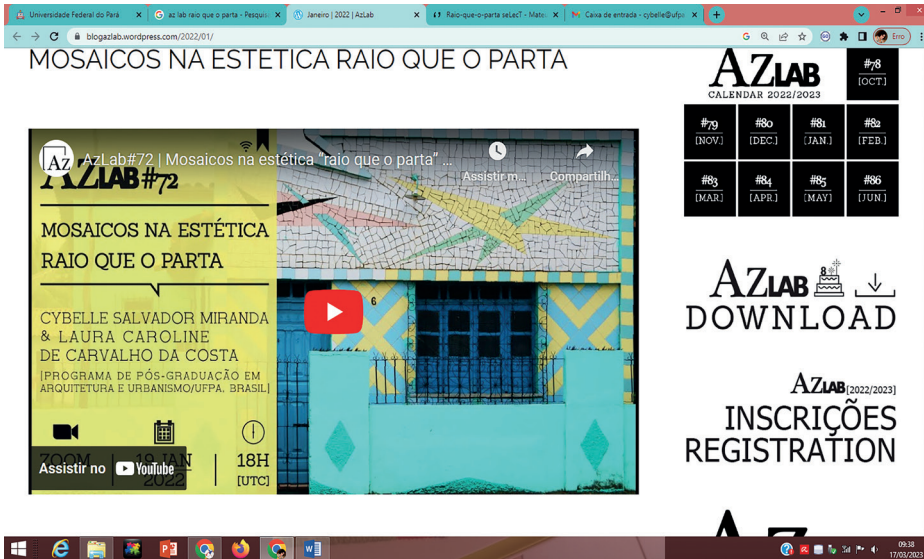


Figura 3.11 Palestra sobre RQP na Rede de azulejaria portuguesa.

Fonte: AzLab, YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6xnfeFYC5wU>



Figura 3.12 Exposição Raio que o parta: ficções do moderno no Brasil, Sesc-São Paulo, 2022.

Foto: Laura Costa, 2022.

Em 2022, o Sesc de São Paulo organizou uma exposição em referência aos 100 anos da Semana de Arte Moderna, considerada um marco inaugural do modernismo no Brasil. Nessa mostra, os curadores visavam à exposição das diversas manifestações modernas que ocorriam no início do século XX, nas várias regiões brasileiras, e, significativamente, adotaram o nome Raio que o parta para identificá-la. Entendendo as narrativas historiográficas, enquanto ficções, no sentido de que são interpretações particulares de eventos, eleitos por sujeitos formadores de opinião, como jornalistas e críticos, situados em lugares hegemônicos, segundo Mateus Nunes, arquiteto paraense e curador de Arte: “a exposição busca reiterar essa hostilidade historiográfica e exibir, de forma profusamente colorida e irreverente, esses objetos híbridos historicamente negligenciados” (Nunes, 2022).

Contudo, a apropriação efusiva do título, cujo apelo à estranheza chamou a atenção do público em geral e da crítica de arte, não repercutiu numa revisão teórica e sequer num inquérito que permitisse a expansão do conhecimento da arquitetura RQP no Centro-Sul do Brasil. Com exceção do vídeo *Um céu partido ao meio*, da artista visual Danielle Fonseca, e um verbete dedicado a José Orlando Gomes, construtor de uma casa RQP na Rua dos Mundurucus, o Raio que o parta não é objeto de reflexão estética ou arquitetônica, e o seu apelido é adotado sem contribuir para a compreensão dessas arquiteturas e de sua importância para a realidade amazônica.

Mas os raios paraenses continuam rompendo fronteiras e levantando debates salutares acerca da cultura local e da importância das arquiteturas que aqui foram construídas.







Fonte: acervo do LAMEMO, 2009.



## Considerações finais Patrimonializar ou não: será mesmo essa a questão?

O reconhecimento das arquiteturas RQP, como expressões incontestes da cultura paraense, põe em questão a necessidade de ampliar o debate acerca de sua patrimonialização, avançando para um diálogo com seus maiores protagonistas, os moradores das casas, que são a origem dessa manifestação. Considerando como principal característica das casas RQP os mosaicos, cuja conservação representa o maior desafio para que elas sejam preservadas, seguiremos no caminho da interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, no sentido de gerar novos olhares e capacitar os moradores para serem ativos na recuperação de suas moradias, entendidas enquanto repositórios de afeto.

Tendo como referência científica a ampla produção teórica realizada pelo LAMEMO, entre 2008 e 2023, com a temática RQP, bem como as atividades empreendidas, como a Oficina do Caqueado realizada em 2019 (Costa, 2023) e a execução do mural sensorial do PPGAU (Miranda, 2022), visamos a ampliar o entendimento das casas modernizadas em suas dimensões material e imaterial. Dialogando e trazendo elementos novos para a discussão sobre sua preservação, diante do intenso processo de ressignificação do fenômeno enquanto mera experiência imagética, buscamos refletir sobre as relações entre a imagem e a arquitetura, criada no sentido da modernização das cidades paraenses.

Embora, nos últimos anos, o tema Raio que o parta tenha sido notícia na imprensa e recriado em produtos de moda, percebe-se ainda que os moradores vêm procurando “esconder” os raios com pintura ou com a sua substituição por revestimentos contemporâneos. Já que o afeto é entendido como uma transição que se dá no espaço criado pela relação entre indivíduo e demais objetos, sensações e signos que compõem a sua experiência (Duarte; Miranda; Santana; Silva, 2022), as casas Raio que o parta são lugares em que seus moradores são afetados pela materialidade; tal materialidade conjuga o enquadramento das memórias e das vivências tidas por si e por outros membros da família – por vezes, durante várias gerações. Embora haja o desejo de atualizar a aparência dos imóveis, expressa por parte dos moradores, outros conseguem perceber o seu valor como marcador de uma época, e referência de vida, enfrentando, contudo, a dificuldade em manter os mosaicos pela falta de material disponível no mercado, ou por não serem familiarizados com a técnica.

Conclui-se que a ficção do RQP como imagem e patrimônio interfere, desse modo, na realidade material, mas não substitui a experiência arquitetônica, a qual deve ser estimulada. Portanto, o estímulo ao reconhecimento do valor presente nessas arquiteturas, bem como o apoio e a orientação quanto à execução da técnica do mosaico, mostra-se fundamental para que os moradores dessas casas se sintam capazes de manter os elementos formais do RQP, sem que se sintam impelidos a removê-los ou mascará-los em razão da falta de recursos ou de conhecimento para reparar as peças perdidas ou desgastadas. Na fala dos entrevistados que desejam reformar a casa, a remoção do mosaico de cacos de azulejo implica uma maneira de modernizar sua aparência, já que ele é indicador de um estilo considerado antiquado, bem como é apontada a dificuldade em repor as peças de azulejo que se desprendem da parede e se perdem.

O conceito de “casa antiga” pode ser favorável à preservação enquanto significar ligação à tradição, mas também é um item depreciativo do valor do imóvel, tanto pela condição de precariedade de conservação de muitas casas quanto pela dificuldade em comercializá-lo (vender ou alugar) por conta de sua aparência desatualizada.

O tema da patrimonialização, que implica na classificação do imóvel como bem de interesse à preservação, foi visto com muito receio pelos moradores. Essa condição implicaria em restrições para a execução de reformas, ou causaria prejuízos na negociação do imóvel. Em contrapartida, existe uma percepção de que não há vantagem nessa classificação, uma vez que não se disponibilizam recursos públicos

para serem utilizados na conservação das obras, o que pode acarretar um processo de abandono e degradação das casas.

Nas concepções contemporâneas, a preservação é uma atitude que parte do presente, sendo fundamental captar os valores atribuídos pela sociedade de hoje às arquiteturas do passado, sem que a sua classificação enquanto bem patrimonial lhes seja imposta, unilateralmente.



## Referências

- ARRUDA, Ângelo Marcos. A popularização dos elementos da casa moderna em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Vitruvius*, São Paulo, ano 4, n. 047.06, abr. 2004. Seção Arquitextos. Disponível em: ]:<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.047/596>. Acesso em: 19 jun. 2012.
- BARCESSAT, Maria et al. Arquitetura de Belém de 40 a 80. 1993. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: *Encyclopaedia Universalis*. Paris, s.d, v 12.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARDOSO, Andréia Loureiro. *A valoração como patrimônio cultural do “Raio que o parta”*: expressão do modernismo popular, em Belém/PA. 2012. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.
- CARVALHO, Ronaldo Nonato Marques de; MIRANDA, Cybelle Salvador. *Dos mosaicos às curvas: a estética modernista na arquitetura residencial de Belém*. *Vitruvius*, São Paulo, ano 10, n. 112.05, set. 2009. Seção Arquitextos. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/25>. Acesso em: 20 maio 2012.
- CHAVES, Celma; BELTRÃO, Bernadeth; DIAS, Rebeca. A arquitetura moderna em Belém como objeto e documento de investigação: da invisibilidade ao reconhecimento. *Labor e Engenho*, Campinas, v. 14, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.20396/labore.v14i0.8663470>.



- Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8663470>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- COLIN, Silvio. O pato e o abrigo decorado. *Coisas da Arquitetura*, [S. l.], 24 fev. 2012. Disponível em: <http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2012/02/24/o-pato-e-o-abrigo-decorado/>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. Raio que o parta! Assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA). 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. *Raio que o parta: arquitetura como imagem e sua ressignificação no Pará*. 2023. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, 2023.
- COSTA, Laura Caroline de Carvalho da; MIRANDA, Cybelle Salvador. A efemeridade do moderno e o valor de novidade nas fachadas de residências “Raio que o parta” em Belém PA. *Vitruvius*, São Paulo, ano 19, v. 1, Arqtextos. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/19.228/7306>.
- COSTA, Laura Caroline de Carvalho da; MELO, Flávia Sousa; MIRANDA, Cybelle Salvador. Arquiteturas em busca de enquadramento: Classificação de fachadas Raio que o parta e coetâneas nos bairros do Marco e da Pedreira, em Belém (PA). *Anais do XIV Seminário Docomomo Brasil: o modernismo em movimento. Usos, reusos, novas cartografia. Presente e futuro do legado da arquitetura moderna no Brasil*. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2021.
- COSTA, Laura Caroline de Carvalho da; MIRANDA, Cybelle Salvador. A experiência imagética na arquitetura “Raio que o parta”. *5% Arquitetura + Arte*, v. 1, p. 1, 2022. Disponível em: <http://revista5.arquitetonica.com/index.php/periodico/ciencias-sociais-aplicadas/392-a-experiencia-imagetica-na-arquitetura-raio-que-o-parta>.
- COSTA, Lúcio. *Arquitetura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1952.
- DORFLES, Gillo. *As oscilações do gosto: a arte de hoje entre a tecnocracia e o consumismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.
- DUARTE, Cristiane Rose; MIRANDA, Cybelle Salvador; SANTANA, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. *Experiência do lugar arquitetônico: caminhos da experiência e sensorialidade urbanas*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.
- GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura kitsch suburbana e rural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KOETZ, Laurent; THIBAUT, Estelle. Ornemente architectural et expression constructive: concepts d’hier et débats d’aujourd’hui. *Images Re-vues* [En ligne], out. 2012. DOI:

- <https://dx.doi.org/10.4000/imagesrevues.2386>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/imagesrevues/2386>. Acesso em: 6 ago. 2013.
- LARA, Fernando Luiz Camargos. Modernismo popular: elogio ou imitação? *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 171-184, dez. 2005.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário*. Manaus: Valer, 2015.
- MELLO JUNIOR, Donato. Arquitetura e açai de Belém. 1966. 4 f. Discurso para formandos da 1ª turma de Arquitetos da Universidade do Pará (Curso de Adaptação Profissional de Arquitetura). Universidade do Pará, Belém, 1966.
- MIRANDA, Cybelle Salvador (org.). Coletânea mural sensorial espaço construído na Amazônia. Belém: PPGAU, 2022. p. 98.
- MIRANDA, Cybelle Salvador; CARVALHO, Ronaldo Nonato Marques de; TUTYIA, Dinah. *Uma formação em curso: esboços da graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015, v.1.
- MONTE, Milton José Pinheiro. *Estudos e contribuições de projetos de edificações na Amazônia Equatorial*. 1986. Monografia (Especialização em Arquitetura nos trópicos) – Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Pará, Belém, 1986.
- NUNES, Mateus. O dismantelo de um modernismo brasileiro. Select Arte e Cultura Contemporânea, 17 maio 2022. Disponível em: <https://select.art.br/o-desmantelamento-de-um-modernismo-brasileiro/>. Acesso em: 20 out. 2023.
- PENTEADO, Antonio Rocha. Belém: estudo de geografia urbana. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. v. 1. (Série José Verísimo).
- RAIO-QUE-O-PARTA: ficções do moderno no Brasil. 2022, São Paulo. Exposição [...]. São Paulo: Sesc 24 de maio, 2022.
- RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos. Essência e Gênese. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio e Valores: a via crítica de Alois Riegl*. Belo Horizonte: IEDS; Miguilim, 2022, v. 1, p. 347-408.
- ROUANET, Sergio. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SANTOS, Ivana B. T. Raio-que-o-parta – Um fragmento entre cultura e sociedade. 1995. Monografia (Especialização em História e Cidade) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 1995.
- SONTAG, Susan. *Notas sobre camp*. 1964. Disponível em: [https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag\\_notas\\_sobre\\_camp.pdf](https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag_notas_sobre_camp.pdf).
- VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- WEIMER, Gunter. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



## Sobre os autores

**Cybelle Salvador Miranda** é arquiteta e urbanista, doutora em Antropologia, com pós-doutoramento em História da Arte pela Universidade de Lisboa. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisadora associada ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL)/Universidade de Lisboa e a Universidade Aberta (Portugal). Pesquisadora do CNPq. Lidera o Grupo de pesquisa Arquitetura, Memória e Etnografia, com os temas Memória e Patrimônio Cultural, Estética da Arquitetura Amazônia, Arquitetura Assistencial e Saúde. Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO). Em 2018, publicou o livro *Hospitais e saúde no oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*, em parceria com o professor Renato da Gama-Rosa Costa, Menção Honrosa no Prêmio ANPARQ 2020.

**Laura Caroline de Carvalho da Costa** é arquiteta e urbanista, bacharel em Design de Produto pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), mestre e doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU-UFPA). Professora em Regime de Dedicção Exclusiva (EBTT) no Instituto Federal do Pará (IFPA) e pesquisadora do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO-UFPA).

**Ronaldo Nonato Marques de Carvalho** é arquiteto e urbanista, especialista em Arquitetura nos trópicos, mestre em Ciências da Arquitetura e doutor em Engenharia de Recursos Naturais da Amazônia. Possui pós-doutoramento em História da Arte pela Universidade de Lisboa. É professor titular aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador associado ao Grupo de pesquisa Arquitetura, Memória e Etnografia e ao Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO).



Falar de Raio que o parta (RQP) como parte da história da arquitetura paraense e nacional, a partir da vivência local, traduz o que pensamos acerca da necessidade de narrar e interpretar a nossa trajetória, sem necessidade de tradutores exógenos. Diante dos desafios de pensar a decolonialidade, o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará (UFPA) vem atuando no registro, na documentação e na análise das arquiteturas RQP como recurso para a valorização das produções locais a partir da perspectiva científica, com o compromisso de divulgá-las para o mundo.

**Autores**

O livro lança também um alerta sobre o risco de apagamento dessa expressão cultural, pois muitas casas Raio que o parta estão sendo descaracterizadas ou demolidas. Algumas habitações remanescentes não vieram abaixo muito mais pela falta de recursos de seus moradores em empreender reformas do que pelo reconhecimento do valor patrimonial que possuem. Deve-se ressaltar, neste ponto, a relevância desta obra como um possível instrumento de conscientização, tanto dos órgãos de proteção como da população em geral, sobre a importância de preservar esses imóveis.

**Cristiane Rose Duarte**



[openaccess.blucher.com.br](https://openaccess.blucher.com.br)

**Blucher** Open Access